

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MATEUS MARTINS VIUDES

EDUCAÇÃO PERFORMATIVA NO ENSINO MÉDIO: TRILHANDO EXPERIÊNCIAS
E SENTIDOS EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DO PARANÁ

CURITIBA

2023

MATEUS MARTINS VIUDES

EDUCAÇÃO PERFORMATIVA NO ENSINO MÉDIO: TRILHANDO EXPERIÊNCIAS
E SENTIDOS EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DO PARANÁ

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Michelle Bocchi Gonçalves

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Viudes, Mateus Martins.

Educação performativa no Ensino Médio : trilhando experiências e sentidos em uma escola da Rede Estadual do Paraná / Mateus Martins Viudes – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Michelle Bocchi Gonçalves

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Educação pelo movimento. 3. Ensino médio. 4. Performance (Arte). I. Gonçalves, Michelle Bocchi. II. Universidade Federal do Paraná. III. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.



ATA NºD20.08527

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO

No dia quinze de fevereiro de dois mil e vinte e três às 14:00 horas, na sala 232B, Campus Rebouças - UFPR, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação do mestrando **MATEUS MARTINS VIUDES**, intitulada: **EDUCAÇÃO PERFORMATIVA NO ENSINO MÉDIO: TRILHANDO EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DO PARANÁ**, sob orientação da Profa. Dra. MICHELLE BOCCHI GONÇALVES. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: MICHELLE BOCCHI GONÇALVES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), VANESSA MARION ANDREOLI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), ADRIANA TELES DE SOUZA (55003016). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MICHELLE BOCCHI GONÇALVES, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Observações: A banca sugeriu que seja feita uma revisão bibliográfica no texto para a versão final.

CURITIBA, 15 de Fevereiro de 2023.

Assinatura Eletrônica
24/02/2023 21:46:01.0
MICHELLE BOCCHI GONÇALVES
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
23/02/2023 15:00:28.0
VANESSA MARION ANDREOLI
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
03/03/2023 22:00:02.0
ADRIANA TELES DE SOUZA
Avaliador Externo (55003016)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO: TEORIA E
PRÁTICA DE ENSINO - 40001016080P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MATEUS MARTINS VIUDES** intitulada: **EDUCAÇÃO PERFORMATIVA NO ENSINO MÉDIO: TRILHANDO EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DO PARANÁ**, sob orientação da Profa. Dra. MICHELLE BOCCHIGONÇALVES, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 15 de Fevereiro de 2023.

Assinatura Eletrônica

24/02/2023 21:46:01.0

MICHELLE BOCCHI GONÇALVES

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

23/02/2023 15:00:28.0

VANESSA MARION ANDREOLI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

03/03/2023 22:00:02.0

ADRIANA TELES DE SOUZA

Avaliador Externo (55003016)

*Dedico esta pesquisa as minhas grandes
inspirações: Professoras e Professores da
Educação Básica, que me mostraram o
caminho, rumo ao universo do conhecimento.*

AGRADECIMENTOS

A Deus e toda espiritualidade que acompanha meu caminho.

A minha Orientadora, Professora Doutora Michelle Bocchi Gonçalves por toda orientação necessária neste percurso. Seu acolhimento desde o processo de seleção até o término desta dissertação foi de suma importância em minha vida, obrigado por sua dedicação e paciência durante o projeto. Seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado deste trabalho.

Ao meu parceiro Marcelo S. que nunca me recusou amor, apoio e incentivo. Obrigado, todo o amor do meu coração por compartilhar os inúmeros momentos de ansiedade e estresse. Sem você ao meu lado, este trabalho não seria concluído.

Aos meus pais, Agnes Cintia Martins Viudes e Cila Sanches Viudes, e irmão, Lucas Martins Viudes.

Aos estudantes e toda comunidade escolar do Colégio Estadual Shirley Catarina Tamallu, do Município de São José dos Pinhais, por terem embarcado comigo neste estudo e aceitado partilharem da minha pesquisa, meu muito obrigado.

Também agradeço a Universidade Federal do Paraná e aos seus docentes e colaboradores que nos incentivaram a percorrer o caminho da pesquisa científica.

Aos colegas de curso do Mestrado Profissional em Educação da turma de 2020, agradeço aos momentos de aprendizado, trocas e incertezas.

Ao grupo de estudos (Labelit/UFPR/CNPq) – Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades, em especial ao recorte nos Estudos da Performance denominada Educação Performativa.

Às professoras e aos professores: Sonia Maria Chaves Haracemiv, Kátia Maria Kasper, Elisa Maria Dalla-Bona, Araci Asinelli da Luz, Neila Tonin Agranionih, Jacques de Lima Ferreira e Maurício Cesar Vitória Fagundes, agradeço por me proporcionarem o conhecimento não apenas técnico, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra *mestre*, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Aos Coordenadores do programa: Ricardo Antunes de Sá e Ettiène Cordeiro Guérios e Secretaria: Davi Antônio da Silva.

Agradeço imensamente à banca de defesa e qualificação por todas as contribuições ao texto, pelas suas correções e incentivos e um olhar muito humano ao meu trabalho.

Agradeço imensamente a minha atual unidade de ensino, Escola Municipal Antônio Franco da Rocha, pelo apoio e incentivo.

De modo geral, a todos envolvidos neste processo de pesquisa, a quem não mencionei, mas que estiveram presentes ao meu lado e eu quero lembrar que não estão esquecidos, meu muito obrigado.

*Seja um estudante, não um seguidor.
Não vá simplesmente fazer o que alguém diz.
Tenha interesse pelo que alguém diz,
então debata, pondere e considere de todos os ângulos.”*

Jim Rohn

RESUMO

A presente pesquisa, vinculada ao grupo de pesquisa, Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades (Labelit/UFPR/CNPq), pretende apresentar contribuições e interfaces da Educação Performativa, cuja centralidade de interesse é dar visibilidade ao corpo das estudantes e dos estudantes nos processos de uma educação menos tradicional e mais experimental. Para tanto, o estudo proposto, organizou-se em torno da pergunta de pesquisa: Quais concepções de corpo podem ser percebidas em jovens que frequentam o Ensino Médio em um Colégio Estadual Cívico Militar no Município de São José dos Pinhais? A fim de responder a essa questão, o texto apoiou-se em pesquisas desta temática. Como percurso metodológico, foram realizadas oficinas denominadas de “práticas performativas”, nas quais pesquisador e estudantes construíram juntos experimentos vivenciados nos seus corpos. Essas práticas performativas ocorreram no segundo semestre de 2021, com o objetivo de dar visibilidade e protagonismo aos corpos dos alunos no ambiente escolar. Os resultados inconclusivos apontam para a necessidade de aprofundar e popularizar pesquisas que, ao aproximar performance e educação, mostrem-se abertas à problematização, reflexão e experimentação, saindo de uma educação convencional, para uma educação performativa, transgressora e desafiadora, que permite dar visibilidade aos corpos dos sujeitos no Ensino Médio.

Palavras-chave: Educação Performativa. Corpo. Experiência. Sentidos. Ensino Médio.

ABSTRACT

This research aims to present the contributions and interfaces of Performative Education in order to provide visibility about what happens to student's body focus on the processes of a less traditional and more experimental Education. This research is bound to Laboratory of Studies in Performance Education, Language and Theatricalities (Labelit/UFPR/CNPq). In order to carry out research, the base question that guide was: What body conceptions can be seen it in High School students of the State Military Civic School in the city of São José dos Pinhais? To answered, this paper used as references scientific articles that address the respective theme and authors as well. As a methodological basis, we ploted workshops called "Performative Experiences", so that researcher and students build ideas and thought about the subject together through body experiences. The workshops happened in the second half of 2021. The inconclusive datas reinforces the need to deepen and popularize research about Education and performance. To achieve this point, it is necessary to be showed open and aware for questioning, reflection and experimentation as well. So that we can move away from a conventional Education towards a performative, transgressive and challenging Education, allowing student's bodies of High School to been seen it.

Keywords: Performative Education. Body. Experience. Senses. High school.

RESUMEN

La presente investigación, vinculada al grupo de investigación Laboratorio de Estudios en Educación Performativa, Lenguaje y Teatralidades (Labelit/UFPR/CNPq) – pretende presentar aportes e interfaces de la Educación Performativa, cuyo punto central de interés es dar visibilidad al cuerpo de alumnos y alumnas en los procesos de una educación menos tradicional y más experimental. Por lo tanto, el estudio propuesto se organiza alrededor de la pregunta de investigación: ¿Qué concepciones corporales se pueden percibir en los jóvenes que asisten a la escuela secundaria en un Colegio Cívico Militar del Estado en la ciudad de São José dos Pinhais? Para responder a esta pregunta, el texto se basa en investigaciones sobre este tema. Como camino metodológico se realizaron talleres denominados “prácticas performativas”, en los cuales, investigadora y estudiantes construyeron en conjunto, experimentos vividos en sus cuerpos, estas prácticas, performativas, las cuales se llevaron a cabo en el segundo semestre del 2021, con el objetivo de dar visibilidad y protagonismo a los cuerpos de estudiantes. alumnos en el entorno escolar. Los resultados no concluyentes apuntan a la necesidad de profundizar y popularizar investigaciones que, al unir actuación y educación, se muestren como un campo abierto para el cuestionamiento, la reflexión y la experimentación, alejándose de una educación convencional, hacia una educación performativa, transgresora y desafiante. lo que permite dar visibilidad a los cuerpos de los individuos en bachillerato.

Palabras clave: Educación Performativa. Cuerpo. Experiencia. Sentidos. Escuela secundaria.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mãe e filho	18
FIGURA 2 – Pai e filho	18
FIGURA 3 – Olhos de jabuticaba	19
FIGURA 4 – Formatura do pré-III – Anos 2000	20
FIGURA 5 – Formatura magistério – Ano 2012	21
FIGURA 6 – Cena: a liberdade	21
FIGURA 7 – Escrita performativa	50
FIGURA 8 – Pulando elástico com a turma	51
FIGURA 9 – Pulando elástico coletivamente	52
FIGURA 10 – Desconstruindo o tradicional	53
FIGURA 11 – Casa, inquilino e terremoto	54
FIGURA 12 – Vídeos violência	55
FIGURA 13 – Vídeo: TikTok	56
FIGURA 14 – Sobre o corpo	58
FIGURA 15 – O corpo	59
FIGURA 16 – Do 1º ao 5º ano	60
FIGURA 17 – Brincar	61
FIGURA 18 – Equipes em ação	62
FIGURA 19 – Pesquisa sempre	66

LISTA DE SIGLAS

AEE	–	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	–	Base Nacional Comum Curricular
CNPq	–	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CREP		Currículo da Rede Estadual Paranaense
LABELIT	–	Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades
LDB	–	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PAC	–	Professor de apoio à comunicação alternativa
PPGE-TPEN	–	Programa de Pós-Graduação Educação: Teoria e Prática de Ensino
SEED	–	Secretaria de Estado da Educação
UFPR	–	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 COMO CHEGUEI ATÉ AQUI?	16
1.1 QUEM SOU EU?	16
1.2 OBJETIVO GERAL	26
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	26
2 EDUCAÇÃO PERFORMATIVA.....	27
2.1 PERFORMANCE E EDUCAÇÃO	33
2.2 DOCÊNCIA E CORPO	39
3 CORPOS PROVOCADOS	43
3.1 O PERCURSO METODOLÓGICO	44
3.2 OS ENCONTROS de si mesmo	48
3.2.1 Primeiro Encontro.....	49
3.2.2 Segundo encontro	50
3.2.3 Terceiro encontro.....	52
3.2.4 Quarto encontro	54
3.2.5 Quinto encontro	55
3.3 Análise.....	56
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	67
ANEXO II - ACESSO AO DRIVE	73

1 COMO CHEGUEI ATÉ AQUI?

VOA BICHO

*Andorinha voou, voou
Fez um ninho no meu chapéu
E um buraco bem no meio do céu
E lá vou eu como passarinho
Sem destino nem sensatez
Sem dinheiro nem pra um pastel chinês*

*A andorinha voou, voou
Fez um ninho na minha mão
E um buraco bem no meu coração
E lá vou eu como um passarinho
Como um bicho que sai do ninho
Sem vacilo nem dor na minha vez*

*A andorinha voa veloz
Voa mais do que minha voz
Andorinha faz a canção
Que eu não fiz
Andorinha voa feliz
Tem mais força que minha mão
Mas sozinha não faz verão*

*A andorinha voou, voou
Fez um ninho na minha mão
E um buraco bem no meu coração
E lá vou eu como um passarinho
Como um bicho que sai do ninho
Sem vacilo nem dor na minha vez*

Milton Nascimento (2003)

1.1 QUEM SOU EU?

A música interpretada por Milton Nascimento *Voa bicho* descreve muito bem todo o processo das pessoas de crescerem e saírem de casa, trabalharem e se apaixonarem. Essa é a condição humana, esse é o trilhar da humanidade.

“Trilha”, palavra que representa o movimento e que define minha trajetória enquanto ser humano. Segundo o Dicio (2023) trilha significa: “vestígio; pista que, ao passar, é deixada por um animal ou alguém. Caminho rústico, normalmente estreito e repleto de obstáculos: trilha na mata” (TRILHA, 2023). Para além, também pode significar:

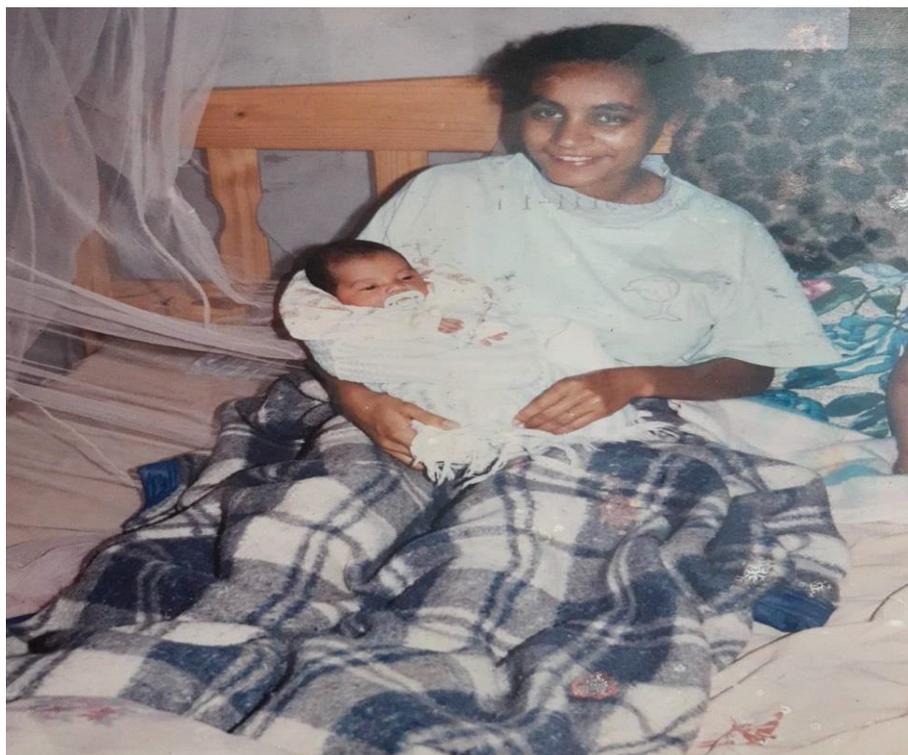
[Por Extensão] Música, som, melodia, composição que acompanha as cenas de um filme, novela, programa de televisão etc.: trilha sonora. [Figurado] Exemplo; aquilo que se imita; o que pode ser alvo de exemplo. Debulha; ação de debulhar; retirada de grãos. Trilhada; ação ou efeito de trilhar, de separar grãos, de triturar. Etimologia (origem da palavra trilha). Forma regressiva de trilhar (TRILHA, 2023).

Assim, este jovem acadêmico, hoje, com vinte e oito anos, chegou ao planeta Terra no dia 22 de julho de 1994, aproximadamente às 10h00, na cidade de Maringá-PR, já estava destinado a trilhar por uma infância pacata em uma zona rural no Município de Floresta-PR. Banhos de rio, banhos de chuva, lama, machucados, corridas no pomar, picadas de abelha e tantas outras experiências que o campo proporcionou marcaram o início dessa trilha.

Essas experiências dificilmente são vistas nos contextos atuais e este é um dos motivos pelo qual este estudo de caso foi feito. Existe uma falta de contato com a natureza e suas expressões que antes eram naturais aos seres humanos e as crianças. O teatro e as artes cênicas, dentro de um ambiente escolar, se mostram imprescindíveis para que os alunos tenham acesso a formas de contato físico para além do virtual e possam, por meio da arte, se expressarem e se compreenderem, dado que não há mais tanto acesso ao campo e às interações sociais naturais como antigamente.

Se a palavra “cultura” realmente teve sua origem no ato de cultivar ou preparar a terra, certamente, eu já iniciava a minha trilha pelo caminho da cultura... literalmente. Influência que seria sentida em toda a minha carreira profissional, principalmente nesta pesquisa – por isso, esta pequena biografia introdutória de um projeto muito importante no meu trilhar profissional.

FIGURA 1 – Mãe e filho



FONTE: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

FIGURA 2 – Pai e filho

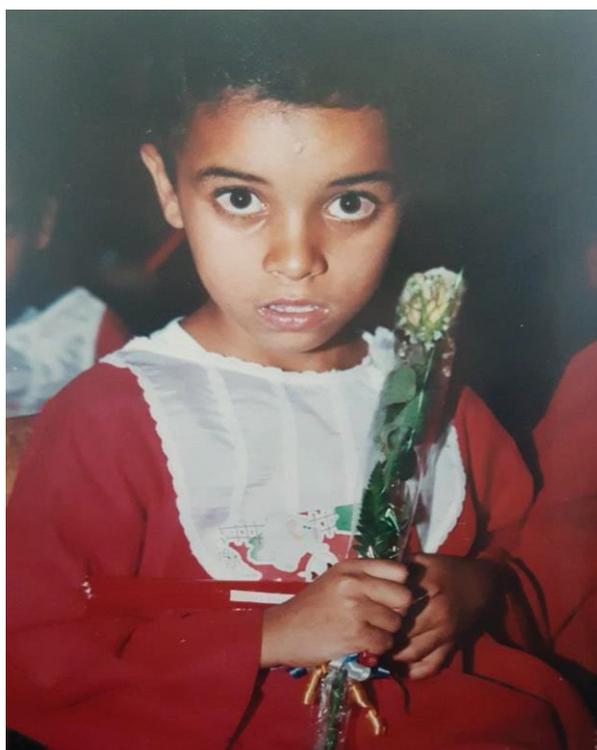


Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

Diferente de muitos casos hoje em dia, meu corpo, na infância, sempre esteve em constante movimento, sendo considerado em alguns momentos como um corpo bagunceiro e desobediente. As crianças da atualidade já não podem mais dizer o mesmo, o corpo delas, embora também bagunçado e desobediente, está em constante repouso diante de um computador, de uma televisão ou dentro de um carro. Penso que a cultura da terra, na infância dos dias atuais, esteja cada vez menos presente, poucos são os que ainda brincam na rua, praticam algum esporte por gosto ou desbravam a natureza sem medo de se sujarem. Pelo menos, essa é a realidade que permeia quase todas as classes sociais. Isso porque o estilo sedentário e urbano força as pessoas a seguirem uma vida dessa forma, diferente de antigamente quando a vida rural divergia muito da vida urbana.

Na pré-escola, por exemplo, lembro-me de vários momentos com exatidão, em que estava brincando no parquinho, manipulando argila no pátio, desenhando com vela de resina derretida e o primeiro contato teatral no pré-escolar 3, feito com base no livro: “O menino mais bonito do mundo”, do autor Ziraldo Alves Pinto, no qual eu fazia o papel de água/mar. Certamente, este foi um divisor de instantes na minha vida que a trilha do destino fez questão de levar mar adentro e despertar novas sensações.

FIGURA 3 – Olhos de jabuticaba



FONTE: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

FIGURA 4 – Formatura do pré-III – Anos 2000



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

No Ensino Fundamental I e II, as aulas de Arte e Educação Física sempre foram as minhas preferidas, matemática sempre foi o meu terror, causando pânico em alguns momentos. Neste período, eu já demonstrava uma forte inclinação para ser um artista e para as ciências humanas. Claros vestígios da influência que o início do meu trilhar embutiu em meu ser, assim como o cuidado e aquele primeiro contato com uma peça de teatro.

Esse início de trilhar evidencia um traço significativo na construção dessa pesquisa: a importância e a necessidade de iniciativas como as que tive quando era criança para estimular e incentivar os alunos a irem por caminhos alternativos.

Alguns anos mais tarde, já no Ensino Médio, realizei o curso técnico de formação de docentes, antigo Magistério, no qual tive oportunidade de mergulhar no mundo do conhecimento para a docência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, tive as primeiras experiências como estagiário em áreas de cunho artístico e pedagógico.

Isso demonstra, do meu ponto de vista, que, independentemente da área à qual vamos nos dedicar em nossa vida, sempre é importante se profissionalizar. É essencial criarmos mecanismos para fazermos o que se gostamos, seja por amor ou

hobbies, e, ao mesmo tempo, conseguir o autossustento. Ou seja, é importante criar os meios para que haja uma renda que sustente você ou sua família.

FIGURA 5 – Formatura magistério – Ano 2012



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

FIGURA 6 – Cena: a liberdade



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2022)

Após concluir o Ensino Médio, iniciei o curso de Pedagogia no Centro Universitário de Maringá no ano de 2013, concomitantemente no ano de 2014, iniciei o curso de Artes Cênicas na Universidade Estadual de Maringá, curso no qual não concluí devido a incompatibilidade de realizar duas graduações e trabalhar.

Em busca de novas possibilidades profissionais, no ano de 2016, chego de mudança na cidade de Curitiba onde me tornei professor efetivo, por meio de concurso público na prefeitura Municipal de Piraquara – PR, na qual atuei por aproximadamente dois anos, pois no ano de 2017 fui aprovado como ator bolsista para atuar na Companhia de Teatro da UFPR – Cia palavração, no espetáculo: “Sociedade dos Ratos” – 2018.

Esse período de experiência profissional me marcou profundamente, assim como a minha trilha que se tornou mais clara, e serviu – sem que eu tivesse noção na época – de inspiração para as oficinas ministradas dentro desta pesquisa. Isso porque, toda experiência serve de aprendizagem e exemplo, tanto para si mesmo quanto para os outros.

Ao contar a sua história, ou apenas viver sua vida na melhor versão possível, duas coisas podem acontecer: você pode se tornar uma pessoa melhor e inspirar as outras pessoas a seguirem um pouco do seu caminho ou, pelo menos, o que serve para elas; ou se adaptar aos contextos sociais, tempos e costumes, da melhor forma possível, transmitir os ensinamentos que obteve. Em ambos os casos, você pode influenciar seus alunos e suas alunas e esperar, gradualmente mudanças significativas em qualquer área de seus interesses.

Dessa forma, no ano de 2019, atuei como pedagogo no Município de Pinhais-PR ao mesmo tempo que como professor de Educação Especial e Inclusiva na rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. No ano de 2020 e 2021, realizei a segunda licenciatura em Artes Visuais e Educação Física. Neste último ano (2021), trabalhei como professor efetivo no Município de São José dos Pinhais. Atualmente (2022), atuo como Pedagogo (orientador/supervisor) efetivo no mesmo município, com lotação no Ensino Fundamental I.

Esta pesquisa e minha trilha profissional são como o corpo e movimento, não funcionam perfeitamente um sem o outro, são melhores e quando estão juntos parecem dar sentido à experiência.

Comecei minha trilha de aprendizagem sobre o ensino e a educação, objetos principais desta pesquisa, no projeto de atuação na Companhia de Teatro da

UFPR – Cia palavração, onde aprendi alguns conceitos básicos de educação, além de expressão corporal, disciplina e trabalho em equipe. Esses elementos essenciais serviram de inspiração para a pesquisa de campo realizada neste estudo com os alunos que, espero, tenham compreendido que a vida e as nossas expressões têm muito em comum: ambas são escolas e nos ensinam a nos conhecermos e a conhecermos o próximo, reconhecendo o valor da jornada de cada um.

Chegar ao mestrado sempre foi algo que sonhei desde o início da minha graduação em Pedagogia. Estudar performance e educação, ou como temos calçado ¹ “Educação Performativa”, surge como um efeito dos inúmeros questionamentos e desdobramentos realizados ao longo da minha prática como professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE) com a função de Professor de Estado da Educação (PAC) no ano de 2019. Naquele período, eu acompanhava um estudante matriculado no primeiro ano do Ensino Médio e observava que os corpos dos estudantes em muitas vezes estavam sem voz e tímidos.

Ao ter acesso ao edital de seleção do Programa de Pós-Graduação Educação: Teoria e Prática de Ensino (PPGE-TPEN) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no primeiro semestre de 2020, observei que minha inquietação se encaixava nos estudos da performance. Sobre performance educacional, concordo com o trecho do estudo da pesquisadora Elyse Lamm Pineau (2010) no qual ela afirma que

A poética da performance educacional privilegia do mesmo modo as dimensões criativas e construídas da prática pedagógica. Ela reconhece que educadores e educandos não estão engajados na busca por verdades, mas sim em ficções colaborativas – continuamente criando e recriando visões de mundo e suas posições contingentes dentro delas. Uma poética educacional que privilegia as múltiplas histórias e os múltiplos narradores no processo em que as narrativas da experiência humana são modeladas e compartilhadas por todos os participantes em um coletivo de performance. (PINEAU, 2010, p. 97).

Ser aprovado para ingressar no PPGE-Tpen da UFPR e passar a conciliar as disciplinas, os estudos, a vida acadêmica e a docência não foi fácil devido ao contexto social em que eu estava inserido.

¹ Definição utilizada em nosso grupo de pesquisa Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades (LABELIT).

Neste período, o mundo enfrentava uma forte pandemia que impactou a forma como todos viviam². A UFPR foi fechada para atividades presenciais, assim como todas as instituições de ensino, que passaram por um longo período a atuar integralmente em caráter remoto.

A prática pedagógica trazida para contextualizar este trabalho e que me propus estudar neste programa de pós-graduação não considera a hierarquia da sala de aula como uma verdade absoluta, pelo contrário, traz a sala de aula como um espaço para a colaboração de ficções entre o educador e o educando, privilegiando as duas narrativas e, ao mesmo tempo, as novas que são descobertas no decorrer do ensino coletivo e colaborativo entre eles.

Meus esforços, contudo, sempre corroboraram para o que os autores da Performance a seguir nos apontam:

Educação não deve significar simplesmente sentar-se e ler um livro ou mesmo escutar um professor, escrever no caderno o que dita o professor. A educação precisa ser ativa, envolver num todo mente corpo emoção – tomá-los como uma unidade. Os Estudos da Performance são conscientes dessa dialética entre a ação e a reflexão. (SCHECHNER; ICLE; PEREIRA, 2010, p. 26).

Ensinar não deve ser apenas transmitir conhecimento como em um processo no qual o aluno é alguém que recebe o aprendizado e o professor aquele que o transmite, mas um ato completo no qual além dos conhecimentos, estabelecem-se emoções, e os corpos relacionam as ações às reflexões, estabelecendo uma dialética em que todos os pontos são considerados como características reais e físicas tanto dos estudantes como do professor, como as de emoção e mente, todas em comparação e continuidade.

[...] Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando, cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. (FREIRE, 2021, p.31)

É importante deixar claro, que a consequência de uma dualidade entre o ponto de vista do professor e do educando não podem implicar um “pensar errado”,

² A Covid-19 foi uma doença que assolou o mundo em uma epidemia, entre os anos de 2019-2021, causada por um vírus. Durante o enfrentamento da doença, a forma como todas as sociedades viviam foi duramente impactada. No Brasil, por ser transmissível pelo ar, todas as instituições de ensino ficaram fechadas fisicamente, mantendo suas atividades no formato remoto.

que só se classifica com a passagem do conhecimento desse professor; ele deve ser um educador, entendendo a capacidade criadora e reflexiva de seu educando, percebendo-as e valorizando-as.

As características da realidade de cada aluno e professor são específicas de diversas formas, principalmente ao considerar as vivências distintas de cada um desses indivíduos, que levam para dentro da sala de aula uma reflexão acerca do mundo pelo qual até então é desconhecido por uma das partes ou até pelas duas. Estudante e professor caminham em conjunto, tal como o corpo, a mente e as emoções, dentro de uma constante reflexão social e pessoal, que não só acontece nos contextos de aprendizagem de um novo conteúdo, como também, e principalmente, por meio das trocas estabelecidas dentro deste espaço de convívio. “O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática” (FREIRE, 2021, p.40).

Para que o discurso teórico tenha alguma validade em sala de aula, é importante que sua reflexão crítica aconteça de modo que se estabeleça uma relação para com a prática, ou seja, seria dizer que para que uma questão teórica possa ser reflexiva, deve, de alguma maneira, confundir-se com as realidades estabelecidas, que nesse caso são do educador e do educando, para que possam ser efetivas e concretas em seu resultado.

Entre ação e reflexão, eu vou me performando nesse trilhar entre pesquisador, estudante, professor-pesquisador, docente – que olha para sua inquietação, para seus estudantes de forma ativa, capaz de dar lugar a mente e ao corpo dos sujeitos da educação –, que busca uma única forma de aprendizagem, na qual corpo, mente e emoção estejam interligados.

Assim, desenvolvo esta pesquisa de mestrado que tem como título: *Educação Performativa no Ensino Médio: Ampliando Experiências e Sentidos em uma Escola da Rede Estadual do Paraná*. Ao pensar neste estudo, interessa-me indagar: Quais concepções de corpo podem ser desveladas em jovens que frequentam o Ensino Médio em um colégio estadual no município de São José dos Pinhais?

Discorrer sobre essas concepções, buscando descobrir os sentidos de corpo atribuídos por esses estudantes acerca do que pensam sobre seus próprios corpos no ambiente escolar, partindo dos estudos da performance na educação, e do que temos nomeado de Educação Performativa são as provocações que me movem e se

registram aqui como tema norteador desta pesquisa de mestrado. Para isso, estarei investigando minha própria prática pedagógica, enquanto docente, pedagogo e formador de professores da educação básica, numa perspectiva em que os sujeitos da pesquisa possam verbalizar seus desejos e instintos, no qual meu papel de pesquisador será analisar o dito e o não dito.

Para responder a essa questão de pesquisa, meus objetivos gerais e específicos estão apresentados a seguir:

1.2 OBJETIVO GERAL

Compreender quais são as concepções de corpo atribuídas por jovens que frequentam o Ensino Médio em um Colégio Estadual no Município de São José dos Pinhais/PR.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Potencializar e ampliar a construção do conceito de Educação Performativa como recorte teórico potente para a Educação de jovens.
- Promover oficinas denominadas “práticas performativas” para os estudantes nas quais pesquisador e estudantes possam experienciar em seus corpos e construir juntos possibilidades para dar visibilidade ao corpo no ambiente escolar
- Problematizar os sentidos de corpo presentes em diferentes materialidades audiovisuais produzidas a partir do trabalho de pesquisa/ação realizada com os jovens no cotidiano escolar.

Para atingir esses objetivos propostos, torna-se importante apresentar, no capítulo a seguir deste trabalho, o principal aporte teórico desta investigação: A Educação Performativa, cuja teoria encontra no corpo a sua centralidade e vem sendo desvelada e desenvolvida pelo grupo de pesquisa Labelit/UFPR/CNPQ, já mencionado anteriormente, o qual se interessa por temas vinculados à educação, ao corpo, à estética e às linguagens.

2 EDUCAÇÃO PERFORMATIVA

CIÊNCIA E ARTE

*Tu és meu Brasil em toda parte
Quer na ciência ou na arte
Portentoso e altaneiro
Os homens que escreveram tua história
Conquistaram tuas glórias
Epopéias triunfais*

*Quero neste pobre enredo
Reviver, glorificando os homens teus
Levá-los ao panteão dos grandes imortais
Pois merecem muito mais*

*Não querendo levá-los ao cume da altura
Cientistas tu tens e tens cultura
E neste rude poema destes pobres vates
Há sábios como Pedro Américo e Cesar Lattes*

*Tu és meu Brasil em toda parte
Quer na ciência ou na arte
Portentoso e altaneiro
Os homens que escreveram tua história
Conquistaram tuas glórias
Epopéias triunfais*

*Quero neste pobre enredo
Reviver, glorificando os homens teus
Levá-los ao panteão dos grandes imortais
Pois merecem muito mais*

*Não querendo levá-los ao cume da altura
Cientistas tu tens e tens cultura
E neste rude poema destes pobres vates
Há sábios como Pedro Américo e Cesar Lattes*

*Tu és meu Brasil em toda parte
Quer na ciência ou na arte
Portentoso e altaneiro
Os homens que escreveram tua história
Conquistaram tuas glórias
Epopéias triunfais*

*Quero neste pobre enredo
Reviver, glorificando os homens teus
Levá-los ao panteão dos grandes imortais
Pois merecem muito mais
Pois merecem muito mais
Pois merecem muito mais*

GILBERTO GIL (1997)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) são documentos que norteiam a educação no Brasil, estabelecendo diretrizes e objetivos para o Ensino Médio. Em meio a essas diretrizes, o conceito de performance ganha destaque como uma forma de promover o desenvolvimento do aluno de maneira integral, não se limitando apenas ao conhecimento teórico, mas também à prática e à expressão corporal. Dessa forma, compreender a importância da performance na educação do Ensino Médio é fundamental para garantir uma formação mais completa e significativa para os estudantes e que seja alinhada com objetivos e diretrizes estabelecidos pelos documentos oficiais que regulamentam a educação no país.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é uma das principais normas que regem a educação no Brasil. Desde sua promulgação em 1996, ela tem sido atualizada e revisada para se adequar às demandas e desafios da educação brasileira. Além disso, é importante ressaltar as atualizações que a LDB vem sofrendo ao longo dos anos. Em 2017, foi aprovada a Lei nº 13.415, que promoveu mudanças significativas no Ensino Médio, incluindo a flexibilização do currículo e a inclusão de disciplinas obrigatórias e eletivas. Essa lei ficou conhecida como “Novo Ensino Médio”.

Uma das principais mudanças trazidas por essa lei foi a flexibilização do currículo do Ensino Médio, com ela, o estudante pode escolher a área de conhecimento que deseja aprofundar seus estudos, optando por uma formação mais técnica ou acadêmica. Além disso, a lei também ampliou a carga horária do Ensino Médio para 1.800 horas anuais, com previsão de chegar a 2.400 horas anuais até 2022.

Outra mudança foi a implementação das escolas de Ensino Médio em tempo integral. Com essa política, o Governo Federal busca ampliar o tempo de permanência dos estudantes na escola, oferecendo-lhes uma formação mais completa e integrada, com atividades extracurriculares, esportes, artes e outras atividades que complementam o ensino regular.

Contudo, a BNCC tem sido objeto de diversas críticas e discussões no campo da educação. Como afirmou Franco e Munford (2018), a BNCC é uma tentativa de padronizar o ensino no país, mas essa padronização não significa necessariamente qualidade na educação. Além disso, a autora destaca que a BNCC

se concentra em objetivos de aprendizagem e não em processos educativos, o que pode limitar a liberdade pedagógica dos professores e a autonomia dos estudantes.

De acordo com Gadotti (2003), a concepção de educação emancipatória, defendida por Paulo Freire, é contrária à ideia de uma educação padronizada e centrada apenas em objetivos de aprendizagem. Segundo o autor, "a escola não é uma fábrica de conhecimentos, mas sim um espaço de convivência e de produção de conhecimentos que valorize a cultura e as experiências dos estudantes" (GADOTTI, 2003, p. 29).

Nesse sentido, é importante questionar a ideia de que a BNCC e outras políticas educacionais baseadas em objetivos de aprendizagem e padronização do ensino podem garantir uma educação de qualidade e que atenda às demandas do mercado de trabalho. Conforme destacado por Sacristán (2013), "a escola não pode ser vista como uma mera instituição de preparação para o trabalho, mas sim como um espaço de formação integral dos sujeitos, que deve contribuir para o desenvolvimento de sua identidade e sua capacidade crítica" (SACRISTÁN, 2013, p. 39).

Portanto, é fundamental que a educação esteja voltada para a formação crítica e emancipatória dos estudantes, e não para atender apenas às demandas do mercado de trabalho. A BNCC e outras políticas educacionais devem ser constantemente questionadas e repensadas, para garantirem que estejam em consonância com uma visão ampla e crítica da educação.

É pensando neste viés que foi trazida a música do Gilberto Gil, *Ciência e Arte*, que retrata de modo lúdico e ilustra o quanto a educação não pode parar de se adaptar e melhorar nunca. Além de se referir, também, a performance lembrando o quanto ela é abrangente, uma vez que se trata de uma palavra polissêmica e pode ser utilizada em uma série de contextos, embora o mais comum seja relacionada à performance artística, mas também pode estar ligada com desempenho nas mais diversas áreas de atuação. Assim, podemos definir a performance ou performatividade, segundo Ball (2010), como:

[...] uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação, e mesmo, tal como define Lyotard, um sistema de "terror", sistema que implica julgamento, comparação e exposição, tomados respectivamente como formas de controle, de atrito e de mudança. Performances – de sujeitos individuais ou organizações – servem como medidas de produtividade ou resultados, como formas de apresentação da qualidade ou momentos de

promoção ou inspeção. Elas significam, encapsulando ou representando um valor, a qualidade ou a valia de um indivíduo ou de uma organização dentro de um campo de julgamento (BALL, 2010, p.38)

Ou, também, pela perspectiva de Egoshi e Gasperi (2012), na qual a performatividade se consolida por meio da corporeidade do indivíduo que recebe diretamente as narrativas e as reflexões propostas e se estabelecem em conjunto, havendo uma relação direta entre os dois, para que tudo aquilo que está sendo discutido ou criado por meio da teoria seja sentido de modo “concreto” pelo corpo dos seres envolvidos. Assim, ainda de acordo com os mesmos autores:

Neste sentido, a performatividade se configura também pela receptividade corporal e pela corporeidade imediata do performer que se apresenta diante de uma situação dada. Os motes que dão origem à narrativa, à fábula, não deixam de existir, nem de provocar a atitude do espectador de ir ao teatro, mas tais motes dividem espaço com o desejo do espectador de realizar uma espécie de encontro, sentindo os efeitos que a presença pode evidenciar. (EGOSHI; GASPERI, 2021, p.7)

Ou seja, não estando limitada apenas ao entretenimento ou a uma atividade teatral, a performance pode estar vinculada a uma série de comportamentos sociais como, na educação. Isso porque ao longo desta prática social dentro da escola também é possível abordar questões como as de: “gênero e de raça, a estética, a infância, o currículo, os rituais, a vida cotidiana, entre outros” (ICLE, 2013, p.16). O que também está de acordo com a percepção geral acerca da arte, especificamente do teatro, fornecida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuantes e espectadores. O fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção. (SILVEIRAS, 2019, p.196)

Ainda de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a dança é uma das linguagens artísticas que compõem a educação básica, e deve ser

ensinada de forma transversal, ou seja, integrada a outras áreas do conhecimento (BRASIL, 2018).

Além disso, a BNCC destaca a importância da dança como prática performática que tem por objetivo o desenvolvimento da expressão corporal e da comunicação por meio do movimento. Segundo a BNCC, a dança performática "permite o exercício da capacidade expressiva e criativa, o aprimoramento da comunicação não verbal, a experimentação e o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais" (BRASIL, 2018, p. 402).

Ainda neste documento, a dança performática também tem um papel importante na formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de compreender a diversidade cultural e expressar suas próprias identidades por meio dela. Conforme a BNCC, "a dança é um importante meio de expressão e fruição cultural, que favorece a formação de uma percepção estética sensível e crítica, bem como o reconhecimento e respeito à diversidade cultural e às diferenças individuais e coletivas" (BRASIL, 2018, p. 402).

Dessa forma, a BNCC reconhece a dança performática como uma prática pedagógica relevante para o desenvolvimento integral dos estudantes, tanto do ponto de vista artístico como social e emocional.

Já de acordo com a LDB, a educação básica deve: "promover o desenvolvimento integral do educando, [...] visando ao pleno exercício da cidadania e qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1996, Art. 2º). Nesse contexto, a dança pode ser vista como uma das formas de arte que contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, uma vez que envolve não apenas a expressão corporal, mas também a cognição, as emoções e a socialização.

Além disso, a LDB destaca a importância da educação artística para o desenvolvimento cultural dos estudantes. Segundo a legislação, "a educação artística, especialmente em música, teatro, dança e artes visuais, é componente curricular obrigatório da educação básica" (BRASIL, 1996, Art. 26, § 2º). Ou seja, a dança, assim como as demais artes, deve ser ensinada nas escolas como um componente curricular obrigatório.

A dança performática, em particular, pode ser vista como uma das possibilidades de abordagem da dança na educação básica. Segundo a pesquisadora Lúcia Matos (2017), a dança performática "possibilita a reflexão sobre

a experiência artística e a expressão do corpo em seu potencial criativo e estético" (MATOS, 2017, p. 62).

Portanto, a LDB destaca a importância da dança e das artes em geral para o desenvolvimento integral e cultural dos estudantes, e a dança performática pode ser uma das abordagens possíveis para a inclusão da dança no currículo escolar.

A atualização do Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) incluiu a dança performática como uma das áreas do conhecimento artístico que os estudantes devem ser capazes de compreender e expressar (PARANÁ, 2020). Conforme o documento, a dança performática é uma manifestação artística que "envolve a expressão corporal, os movimentos e a interpretação de ritmos, formas e emoções, proporcionando ao indivíduo uma experiência estética singular" (PARANÁ, 2020, p. 147).

O CREP destaca que a dança performática pode contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes, proporcionando-lhes experiências de criação, produção e fruição artística. Além disso, pode promover habilidades socioemocionais, como a criatividade, a cooperação e a autoexpressão (PARANÁ, 2020).

É importante ressaltar que a inclusão da dança performática no CREP está alinhada com as diretrizes da LDB, que estabelece que a educação deve "promover o desenvolvimento cultural dos alunos" e "o exercício da cidadania" (BRASIL, 1996, art. 3º). Nesse sentido, a dança performática pode contribuir para a formação de estudantes mais críticos e participativos na sociedade cumprindo o papel que é sugerido pelas legislações supracitadas.

A Educação Performativa, dessa forma, tem como objetivo principal a centralidade do corpo no processo educacional, investigando os processos que partem dessa premissa e são desvelados pelos corpos dos sujeitos da educação (MODESTO, 2010).

E, ao adotar a Educação Performativa como ferramenta teórico-metodológica nesta pesquisa, com intuito de desvelar os sentidos de corpos presentes nos discursos verbais e nas demais materialidades audiovisuais produzidos nas oficinas performáticas, pretendemos apresentar novas possibilidades de olhar para os processos de ensino e de aprendizagem de Arte, dentro da escola pública, a ser experienciado por jovens do Ensino Médio, partindo da premissa de

que professor e alunos são corpos em constante performance na educação (GONÇALVES, 2022)

Assim, ao olhar para a realidade que se está sendo investigada neste estudo, optou-se pelas concepções que vêm sendo tratadas já há algum tempo pelos Estudos da Performance (*Performance Studies*), abarcando as perspectivas de Richard Schechner (2010), em diálogo com as percepções da Pedagogia Crítico-Performativa de Elyse Pineau (2010; 2013), até chegarmos na Educação Performativa embasada pela LDB (BRASIL, 1996), BNCC (BRASIL, 2018) e CREP (PARANÁ, 2020).

Contudo, antes de avançar para essas áreas específicas da arte, do teatro e da performance propriamente dita, torna-se relevante fazer uma introdução e distinção do teatro e da educação física, visto que há muita familiaridade entre ambas as práticas e que, do ponto de vista educacional, a educação física é muito mais difundida do que o teatro em si.

2.1 PERFORMANCE E EDUCAÇÃO

O corpo enquanto estudo sistematizado na linha de frente das ciências sociais pode ser considerado recente, na década de 1960, iniciou-se um processo que pode ser denominado como *desconstrução cultural*, no qual investigações e pesquisas acerca do corpo começaram a ganhar espaço. Como contextualiza Le Breton (2012):

O final dos anos 1960 assistiu, logicamente e de modo sistemático, à manifestação de abordagens que levaram em consideração, sob diversos ângulos, as modalidades físicas da relação ao ator com o meio social e cultural que o cerca. O corpo faz, assim, sua entrada triunfal nas pesquisas em ciências sociais (...) (LE BRETON, 2012, p. 11-12).

Performance, uma palavra multifacetada que não se esgota, polissêmica, com seus múltiplos efeitos, aqui aproximo-a da Performance como ação, movimento, inquietude, execução, criticidade e rebeldia. Por muitas vezes, a Performance ficou atrelada ao campo teatral, comercial ou até mesmo esportivo, neste texto, o nosso recorte parte dos estudos que relacionam Performance à Educação. Assim, segundo Pereira (2013):

A performance é sempre uma experiência e compartilhada, uma multiplicidade de vozes contrastantes na experiência teatral, um jogo de relações com a alteridade que nos modifica e nos intensifica como seres humanos, constituindo a base de novos valores. (PEREIRA, 2013, p. 108).

No que se refere a esse tema, é importante entender que os Estudos da Performance no campo Educacional têm sido ampliados por diversos pesquisadores, portanto, é necessário um mapeamento cuidadoso de como esses estudos têm se apresentado no meio científico, quais as suas implicações teóricas e práticas e quais são seus principais interlocutores, ou seja, por se tratar de um campo teórico fundado na interdisciplinaridade, é necessário reconhecer os caminhos percorridos até o lugar em que se toma no presente texto como Educação Performativa (GONÇALVES; GABARDO JUNIOR, 2020).

Segundo essa teoria, o corpo é lugar de centralidade, porque é entendido como produtor de discursos e significados (GONÇALVES, OLIVEIRA; 2020). Migrar essas ideias dos estudos da performance, da educação performativa para o campo da educação básica, no universo do Ensino Médio, que é o recorte dos sujeitos desta pesquisa, é uma das justificativas deste trabalho, uma vez que os estudos nessa área, com interesse nos processos educacionais que partem, voltam e centram seu olhar nos significados desses corpos na educação são ainda um campo profícuo para aprofundamentos. Torna-se assim, importante, olharmos de maneira crítica, inovadora e libertadora para entendermos o pano de fundo do presente texto. Assim:

Compreender o corpo e sua relação com o discurso é olhar para sua materialidade e para a materialidade do corpo de um sujeito. [...] Deslocamento dos sentidos, desorganização da ordem do espaço, resistência como premissa, passam a se estabelecer, assim, como marcas de um discurso que apresenta um sujeito em movimento, à procura de conhecer-se e, em percurso, dar-se o direito de dizer e se expressar. (GONÇALVES, 2016, p. 85).

Dessa forma, reconhecer os discursos dos corpos de jovens na etapa final da adolescência como uma possibilidade de experiência crítica dos seus próprios corpos se faz necessário. Corpos que discursam e, por discursarem, podem ser percebidos e interpretados. Nesse sentido, teoricamente o corpo pode ser percebido por meio de um tripé interconectado, dentro de uma prática pedagógica, segundo Pineau (2013):

Corpo Ideológico: “Um termo literal que denota a existência física de um indivíduo e corpo como uma metáfora que conota todos os fatores sócias que podem influenciar modos físicos de experiência e expressão”.
Corpo Etnográfico: “Imersão corporal completa no trabalho de campo e na consideração de como o membros da situação de pesquisa, experienciam a vida escolar, por uma ativa participação na comunidade que hospeda”.
Corpo Performativo/atuante: “Professores que envolvem seus corpos e os dos seus estudantes na sala de aula sempre reconhecem que o ensino e o aprendizado são processos fundamentalmente somáticos” (p. 39. Grifos do original).

Nesse sentido, pode-se realizar averiguações para percorrer um caminho por entre as teorias que tomam o ato performativo como um objeto de estudo e as suas possíveis relações com o território do Ensino Médio.

Desse modo, Corpo e Performance caminham lado a lado rumo à pedagogia crítico-performativa dentro de uma educação libertadora, em busca de uma educação performativa que se define, segundo Souza:

Performar/Pesquisar/Ensinar num sentido mais amplo nas esferas que atuo me levam a unir esforços para que os processos pedagógicos não continuem a se reduzir ao ato de transmitir conhecimentos. Vislumbrar uma Educação Performativa nos coloca em movimento para transgredir a acomodação dos corpos numa prática que atravesse os coletivos passivos e incorpore no cotidiano inquietações e indagações, as quais transformam a aprendizagem de uma realidade receptiva para uma realidade mais ativa. (SOUZA, 2020, p. 58)

Nesse contexto, a Pedagogia Crítico-Performativa defende de maneira atrevida, que “Educadores críticos podem criar currículos inclusivos, descentralizando a autoridade do professor, estimulando e facilitando o aprendizado interativo entre colegas” (PINEAU, 2013). Assim, o educador crítico pode fazer a diferença em seu ofício de ensinar, rompendo padrões dominantes e padronizados dentro da escola.

Nesse sentido, o corpo, enquanto sujeito histórico, permeia por diversas possibilidades na sociedade, o uso da Performance no campo educacional não pode ser comparado com um molde, modelo ou metodologia pronta e acabada. Dessa forma:

Por seu caráter experimental, a performance, portanto, é compreendida como um agir do corpo sobre o seu tempo-espaço, uma forma poético-discursiva de performar-se e performar o ambiente que o cerca, o que implica diálogo e criticidade (GONÇALVES; CASTILHO; GABARDO JÚNIOR, 2019, s/p).

Contudo, a Educação Performativa não se esgota como minério de uma grande mina, mas segue construindo e desconstruindo vivências e possibilidades no mundo racional, intelectual e social.

A não fixação da Educação Performativa a uma única forma de expressão a faz móvel e acessível a vários campos de saberes. Por conseguinte, o corpo – do aluno – também é visto como protagonista de interação com o seu espaço-escola, ou seja, é através dele, dentro dele, que o ambiente escolar pode e deve ser pensado, é no corpo que se dão as sensações e as aprendizagens. Performar, nesse caso, constitui-se como a possibilidade de um agir ativo, construindo novos diálogos entre corpo, espaço e escola. (GONÇALVES; CASTILHO; GABARDO JÚNIOR, 2019, p. 139)

No espaço-escola, a função que protagoniza a existência do corpo do aluno acontece mediante o fato de que ele se estabelece como corpo da autoria fundamental dos pensamentos abordados, sendo que a partir dele, com a sua existência constatada, será possível fazer todas as reflexões serem, ou de certa forma, “absorvidas” em sua totalidade.

Para que o ensino seja mais eficaz, é necessário que haja um diálogo ou um encontro entre corpo, espaço e escola, para que a Educação Performativa seja mais efetiva como metodologia.

Nesta pesquisa, nosso intuito, mais do que evidenciar ou conceituar a educação performativa, é nos desafiar a colaborar e preencher lacunas nos estudos recentes da relação entre performance e educação nos processos de ensino e aprendizagem centrados no corpo de estudantes de escola pública do Ensino Médio, cuja possibilidade é a de dar protagonismo ao corpo desses sujeitos.

A Educação Performativa entende que corpo é representação, possível de significações, emissor de sentido, que em si há toque, presença, modos de estar no mundo, de ser papel humanizador e materializar em atos o que se acredita por educação. Entende seu papel militante na luta pela libertação de seus estudantes, por seus direitos políticos educacionais. Porém, tal luta se dá no corpo e a práxis inicia quando o estudante tem consciência de seu encarceramento, procurando agir sobre o mundo. (ARRUDA, 2020, p. 38).

O termo Educação Performativa é refletido o como desdobramento da tese de doutorado da pesquisadora Michelle Bocchi Gonçalves (2016) intitulada: *Performance, Discurso e Educação: (re)construindo sentidos de escola com professores em formação na Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da*

Natureza. Nesse estudo, esse conceito foi concebido como um norte para um grande avanço nessa temática, pois com tal feito inicia-se um processo de pesquisas acerca da Performance na educação, surgindo o grupo (Labelit/UFPR/CNPq) - Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades, que não se reduz a uma metodologia, mas sim a um conceito muito mais amplo e possível de ampliação e mutação.

A Educação Performativa traz para si a tomada de conscientização por parte daqueles que vivenciam os seus papéis sociais na escola. Ela exige a reflexão da presença do corpo em participação, sua premissa está na incorporação dos papéis sociais que refletem sobre si e o mundo, que interrogam aquilo que é dado como pronto pelo conteúdo e pelo currículo e se expandem na inauguração de novas formas de ser/agir/atuar. (GABARDO JUNIOR, 2020, p. 54).

Nesse contexto, Freire contribui fundamentalmente e dialoga para os estudos da educação performativa, para o protagonismo do corpo na educação ao relacionar sua teoria e pensamento sobre o corpo:

A importância do corpo é indiscutível; o corpo move-se, age, rememora a luta de sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo. Nenhum de nós, nem tu, estamos aqui dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual. Não, porque o corpo se constrói socialmente. (FREIRE, 1991, p. 92)

Ao relacionar Pedagogia e Corpo, Freire afirma que: "O *suporte* veio fazendo-se *mundo e a vida, existência*, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não 'espaço' vazio a ser enchido por conteúdos" (FREIRE, 1996, p. 27, grifos do original). A Performance na educação aqui denominada de *educação performativa* move-se para uma concepção de liberdade, rupturas e novos olhares.

Diante dessas perspectivas, uma Educação Performativa olha para o corpo de quem está na escola, atentando para a sua não exclusão, trazendo à luz a corporeidade e toda a sua complexidade, pois a Educação Performativa enxerga nela as condições de se criarem os mais diversos pontos de partida para elaboração de atividades, cujos conteúdos precisam estar articulados ao campo da vida e serem coparticipantes na instrumentalização dos sujeitos para com as suas realidades. (FREIRE, 1987, p. 90)

Contudo, as palavras aqui descritas, não possuem caráter de rotulação, dessa maneira, a Educação Performativa, como uma possibilidade de uma teoria e metodologia problematizada, frente a vida-escola cujas vozes de diferentes autores se cruzam, expandem e resinificam as possibilidades de dar visibilidade aos copos dos sujeitos na educação.

Esse campo do conhecimento é concebido na confluência entre Artes, Antropologia e Filosofia. Com sua característica interdisciplinar e com possibilidades distintas de concebê-la, a Performance estará presente também na educação, como muitas vezes enunciada nos Estudos da Performance na Educação. A Performance propicia novos olhares e experiências para a aprendizagem, considera o corpo no cerne educativo e repensa os processos de aprendizagem (FREIRE, 1996, p. 70).

Como mencionado, a educação por meio do corpo possibilita a propagação e ocupação de espaços talvez antes pouco explorados, valorizando o protagonismo dos estudantes como sujeitos críticos, capazes de questionar sua própria cultura, experimentando, ampliando e questionando padrões dominantes por meio do corpo no qual: "A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo." (FREIRE, 1970, p. 25).

A Educação Performativa sugere o corpo como instrumento ideológico, político e étnico, na tentativa de proporcionar reflexões sobre os discursos herdados historicamente, desta forma, a escola surge como possibilidade de tornar-se laboratório, com postura crítica e curiosa. "A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente." (FREIRE, 1987, p. 47). Deste modo, a experimentação do uso do corpo com estudantes no Ensino Médio visa permear um encontro horizontal entre professor e aluno provocando, com isso, inquietações e questionamentos, ampliando o ensino por meio da educação extraescolar, como suporte o ensino da performance. (FREIRE, 1996, p. 145)

Em outra perspectiva, ao relacionar Pedagogia e Corpo, Pereira afirma que: "a pedagogia é uma arte que precisa sempre recomeçar, mudar suas práticas, performar; requer diferentes perspectivas enquanto disposição criadora do agente". (PEREIRA, 2013, p. 108). A Performance na educação aqui denominada de educação performativa move-se para uma concepção de liberdade, rupturas e novos olhares.

Contudo, as palavras aqui descritas não possuem caráter de rotulação, dessa maneira, destaco a Educação Performativa como uma possibilidade de uma

teoria e metodologia problematizada, frente a vida-escola cujas vozes de diferentes autores se cruzam, expandem e ressignificam as possibilidades de dar visibilidade aos corpos dos sujeitos na educação.

Esse campo do conhecimento é concebido na confluência entre Artes, Antropologia e Filosofia. Com sua característica interdisciplinar e com possibilidades distintas de concebê-la, a performance estará presente também na educação, como muitas vezes enunciada nos Estudos da Performance na Educação. A Performance propicia novos olhares e experiências para a aprendizagem, considera o corpo no cerne educativo e repensa os processos de aprendizagem. (ARRUDA, 2020, p.33).

Como mencionado, a educação por meio do corpo possibilita a propagação e ocupação de espaços talvez antes pouco explorados, valorizando o protagonismo dos estudantes como sujeitos críticos, capazes de questionar sua própria cultura, experimentando, ampliando e questionando padrões dominantes por meio do corpo onde: *“Performar é agir, e agir requer um colocar-se ativo no mundo e nele interagir, contribuir, interferir”* (GONÇALVES; GABARDO JÚNIOR; CASTILHO, 2019, p. 138),

A Educação Performativa sugere o corpo como instrumento ideológico, político e étnico, na tentativa de proporcionar reflexões sobre os discursos herdados historicamente, dessa forma, a escola surge como possibilidade de tornar-se laboratório, com postura crítica e curiosa.

Ou seja: *“A rebeldia é o ponto de partida indispensável, mas não o suficiente”* (FREIRE, 1987, pág. 47), portanto, a experimentação do uso do corpo com estudantes no Ensino Médio visa permear um encontro horizontal entre professor e aluno e, com isso, provocar inquietações e questionamentos, ampliando o ensino por meio da educação extraescolar, como suporte o ensino da performance (GONÇALVES, 2016).

2.2 DOCÊNCIA E CORPO

Como mencionado na introdução deste texto, minha formação principal e paixão sempre estiveram atreladas ao campo da pedagogia, para dar sequência, abordarei algumas concepções do pedagogo no ambiente escolar, como explica o documento *Subsídios para elaboração do regimento escolar* (PARANÁ, 2010):

Profissional que contribui diretamente no processo de construção de uma escola que valoriza os preceitos humanizadores e emancipadores necessários para a construção de uma sociedade mais justa e humanizada definindo-a em uma dimensão política como: [...] instituição social, que tem como função a democratização dos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade, é um espaço de mediação entre sujeito e sociedade”. “Compreender a escola como mediação significa entender o conhecimento como fonte para efetivação de um processo de emancipação humana e, logo, de transformação social. O que implica em ver o papel político da escola atrelado ao seu papel pedagógico e, mais, dimensionar a prática pedagógica, em todas suas características e determinantes com intencionalidade e coerência, o que transparece um compromisso político ao garantir que o processo de ensino e aprendizagem esteja a serviço da mudança necessária. (PARANÁ, 2010, p. 4).

Desta maneira, abordar educação performativa, dentro de uma unidade de ensino, não é uma tarefa tão fácil, pois a escola sempre se configurou com base em hierarquias, costumes e hábitos rígidos, visto que, toda inquietação em busca uma nova alternativa no ambiente escolar pode tornar-se um desafio, conforme destaca Veiga (2005):

As relações no interior da escola, deverão basear-se nas atitudes de solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva, oposto a fragmentação e ao controle hierárquico [...] propiciando a construção de novas formas de relações de trabalho, com espaços abertos à reflexão coletiva que favoreçam o diálogo, a comunicação horizontal entre os diferentes segmentos envolvidos com o processo educativo [...] (VEIGA, 2005, p. 31).

Contudo, Pedagogo, Professores e Equipe Gestora possuem grandes desafios na educação, como tentativa de potencializar e ampliar novos horizontes nos quais corpo e educação estejam sempre em união, promovendo experiências.

Na atualidade, muito se tem falado sobre o termo “experiência”, mas afinal será que a experiência realmente é uma experiência ou transformou-se em experimento? Conforme aponta Larrosa: “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (LARROSA, 2002, pág. 21).

Duras palavras nos fazem refletir e deixam inquietações, muitas vezes, a escola tem esquecido e deixado de lado o desejo de seus estudantes, trabalhando com velocidade, metas, automatismo, leitura dirigida e domínio dos corpos, corpos encarcerados, robotizados:

Eu presumo que podemos concordar que os corpos da sala de aula são esmagadoramente registrados como ausência. Embebidos na tradição do dualismo cartesiano, os estudantes e professores foram efetivamente escolarizados para “esquecer” os seus corpos quando adentram a sala de aula para poderem entregar-se de forma mais plena à vida da mente. [...] A escolarização sistematicamente doméstica nossos corpos; ela os encarcera em fileiras de escrivaninhas de madeira, rouba-nos de sua espontaneidade através de demarcações rígidas de tempo e espaço e, realmente, devota bastante energia em esconder o fato de que nós até mesmo possuímos corpos. (PINEAU, 2013, p. 43-44).

Normas, regras institucionais, disciplina, hierarquias potencializam o apagamento dos corpos, esquecendo que os corpos possuem histórias, marcas do tempo, da cultura, corpos que tem o agir pelo desejo, instinto e impulso, pela emoção, esquecendo que os sujeitos até mesmo possuem corpos, mas que além de tudo isso, também há nele o que nos trará para a reflexão com grande ajuda da autora Judith Butler (2019):

[...] O corpo que é racional desmaterializa os corpos que não podem apropriadamente representar a razão ou suas réplicas e, ainda assim, é uma figura em crise, pois esse corpo da razão é a própria desmaterialização fantasmática da masculinidade, que requer que mulheres e escravos, crianças e animais sejam o corpo e representem as funções corporais que não executarão. (BUTLER, 2019, p.90)

Devemos pensar em um corpo racional, que se desvencilha da lógica masculina de corpo, por ser aquele que na visão patriarcal se caracteriza como o corpo real e imutável, que se estabelece pelos outros corpos da sociedade, em um contraste de desmaterialização destes. Seria dizer que a definição de corpo da sociedade se estabelece unicamente pela relação do corpo masculino e sua desmaterialização dos corpos, femininos, escravos, crianças e dos animais.

Podemos estabelecer uma dialética entre o que nos apresenta Butler (2019) e Pineau (2013), pois os dois estão esclarecendo a falta de existência dos corpos, mas que no caso de Judith Butler (2019) o entendimento está fora do mundo escolar e com Pineau (2013) o contexto é esse mundo, o que talvez nos leve a pensar na questão da relação exposta em que o masculino estabelece as regras para as funções corporais que a criança não executar.

Dentro da sala de aula, observa-se o reflexo da desmaterialização dos corpos que se contextualiza na estrutura social estabelecida, sendo um pequeno exemplo, ou um pequeno espaço, no qual os indivíduos percebem que, devido a sua

relação estabelecida, seus corpos têm a falsa obrigação de deixarem de existir por um bem em comum, que no caso da sala de aula, não é em função do patriarcado, como no caso da mulher, mas sim para a plena vida da mente.

Na lógica tradicional de ensino, parece ser obrigatória a retirada do indivíduo do seu real, de seu corpo físico, para entrar em uma metafísica de pensamento, como se não houvesse uma necessidade de que as reflexões se estabelecessem em conjunto com o material. Judith Butler (2019), quando analisa os escritos de Michael Foucault, apresenta-nos: *“no livro, a alma é tomada como um instrumento de poder mediante o qual o corpo é cultivado e formado. Em certo sentido, ela age como um skhēma repleto de poder, que produz e atualiza o próprio corpo”* (BUTLER, 2019, p. 70)

O que nos leva a questão de que o corpo acaba se separando em alguns momentos para que seja possível que a alma, ou neste caso, as reflexões possam se apropriar de seus poderes e depois serem passadas aos próprios corpos dos indivíduos que estão na sala de aula.

Nesse caso, se estabelecemos uma relação entre professor-aluno, na qual o tema da aula em questão é o feminismo, por exemplo, é importante que os sujeitos que estão expondo suas ideias e reflexões se distanciem, naquele momento, de seu corpo real para poderem ver a si mesmos, assim como aos outros e poderem dialogar dialeticamente entre os autores expostos dentro da sala de aula. Após o contexto estabelecido dentro da sala de aula, os indivíduos poderiam expor e contextualizar suas realidades, tanto em questão de suas ideias, como em se tratando de vivências pessoais em que necessariamente dependeram do corpo.

Ou seja, a relação entre corporeidade e a sala de aula se estabelece por meio de uma separação para que depois haja a unificação, pois é dessa forma que a partir da reflexão de tudo o que pertence à alma e ao mundo das ideias poderá ser utilizado para cultivar e formar o real, o corpo dos indivíduos e a sua realidade estabelecida.

3 CORPOS PROVOCADOS

NOSSA GERAÇÃO

*No faz de conta meu amor
Faça de conta meu amor
Que tudo pode ser sem medo
Tudo pode ser sem medo*

*No faz de conta meu amor
Faça de conta meu amor
Que tudo pode ser sem medo
Sem medo de amar, ainda*

*Se tivermos sorte
Seremos só eu e você
Todos se escondem
Seremos só eu e você*

*Nossa geração não se beija mais
Foram doutrinados a achar sujo
Nossa geração mata o diferente
Padronizam frutos, flores e gente*

*Ninguém mais sabia ter
Romance era sexo sem corpo
Todos assustados com
A nossa exposição
De amor e sonho*

*Ninguém mais sabia ter
A variação de vida
Tinham matado
A arte pura de Deus
A orquestração
Tinham silenciado*

*Se tivermos sorte
Seremos só eu e você
Todos se escondem
Seremos só eu e você*

*Nossa geração não se beija mais
Foram doutrinados a achar sujo
Nossa geração mata o diferente
Padronizam frutos, flores e gente*

*Ninguém mais sabia ter
Romance era sexo sem corpo
Todos assustados com
A nossa exposição
De amor e sonho*

*Ninguém mais sabia ter
A variação de vida
Tinham matado
A arte pura de Deus*

*A sinfonia dele
Tinham silenciado*

*Não deixem silenciar a orquestra
Existem violinos, tubas e percussões
Não deixem silenciar a orquestra
Florestas, cores, gente, cheia de sensações*

*Nossa geração só polui o mundo
Nossa geração não se ama mais*

DA MATA (2019)

3.1 O PERCURSO METODOLÓGICO

Antes de falarmos a respeito das oficinas, que chamei de experimentações performáticas, faz-se necessário falar acerca das leis que regem o Ensino Médio, *lócus* da nossa pesquisa.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Seção IV, Art. 35, “O Ensino Médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades” (BRASIL, 2017, p.24), os seguintes pontos:

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos.
II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 2017, p.24)

Se olharmos para esses quatro pontos citados acima, temos um apagamento do corpo e da sua importância no processo de significações e sentidos vivenciados ao longo dos processos de escolarização, nesse caso, no Ensino Médio. Isso pode ser uma justificativa para encontrarmos corpos tão tímidos, apáticos e escolarizados. Para complementar essa discussão, trazemos a autora Claudia Buch:

O corpo escolarizado pode ser compreendido pelo contexto em que a escola conserva uma configuração há décadas, sendo naturalizada e sedimentada, na domesticação dos corpos em um encarceramento por carteiras enfileiradas, com posições, espaços e tempos demarcados, e com regras disciplinares que asfixiam a espontaneidade. (BUCH, 2019, p. 52).

Em sua dissertação de mestrado, a autora nos traz elementos que apontam para uma escolarização que domestica esses corpos que os encarceram e enfileiram desde o espaço físico das salas de aula, até em momentos de entrada e saída em que vemos filas de alunos, na hora do lanche, bem como na hora do intervalo, momentos em que se espera que os estudantes estejam menos escolarizados, mas temos aqueles que preferem permanecer com os corpos sentados, novamente em cadeiras, mesmo no pátio.

Afinal, o que seria espontaneidade e interdisciplinaridade desses corpos no espaço escolar? Essa centralidade do corpo, do olhar para a espontaneidade e os sentidos que estão impressos nos corpos desses estudantes são objetivos de uma educação mais abrangente, Performativa, que se interessa nas marcas e na historicidade presentes nesses corpos e ainda são vias importantes para a ruptura de modelos rígidos e hierárquicos (GONÇALVES, 2021).

De acordo com Fazenda, 1994:

Numa sala de aula interdisciplinar a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento. [...] Numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e gradativamente se tornam parceiros e, nela, a interdisciplinaridade pode ser aprendida e pode ser ensinada, o que pressupõe um ato de perceber-se interdisciplinar. [...] Outra característica observada é que o projeto interdisciplinar surge às vezes de um que já possui desenvolvida a atitude interdisciplinar e se contamina para os outros e para o grupo. (FAZENDA, 1994, p. 86-87).

Ao depararmos-nos com a realidade de uma escola pública, percebemos que o jovem matriculado no Ensino Médio, muitas vezes, não é ouvido, assim como muitos docentes que acabam tendo suas vozes e seus corpos abafados, desse modo, aumentando a relação de hierarquia do poder político que interfere na produção de cultura e identidades.

A chave da educação não depende do acordo entre partidos nem do superpoder de um partido. Os partidos são cada vez mais excêntricos no que diz respeito à sociedade juvenil e à transformação que representa sua forma de Cultura, que consideram, por consequência, excêntrica, necessitada de uma forte correção. Diagnosticam o fracasso dos rapazes como efeito da falta de autoridade, da perda da virtude do esforço, da falta de presença nas salas de aula e das frequentes mudanças na lei. Não se perguntam, por outro lado, por que os alunos se esforçam tão pouco, por que não respeitam os professores ou por que não prestam atenção, geralmente, durante as aulas. Não será porque os conteúdos e as formas

do ensino se encontram em uma crise substantiva e extensiva, tão radical quanto universal? (...) Toda lei que o Parlamento aprove em seus salões, alheia à revolução Cultural, será reprovada logo depois das classes. Porque, aquele que produziu a lei ignora a condição deste novo sujeito, como pode esperar que o discente se converta em um consumidor satisfeito: Se os políticos e os clérigos desdenham do tipo de Cultura que os jovens respeitam, como não prognosticar que serão correspondidos com igual desdém? (VERDU, 2005, citado por HERNÁNDEZ, 2007, p.36).

Grandes questões podem e devem ser levantadas dentro do ambiente escolar, pois impactam na cultura escolar e no engessamento dos corpos, corpos estes que muitas vezes estão desassociados da mente, como uma espécie de disputa.

A presente pesquisa realizou-se no Colégio Estadual Cívico Militar Shirley Catarina Tamallu, localizado no Município de São José dos Pinhais-PR, em uma zona periférica, ou seja, há uma predominância de crianças e jovens em estado de carência social e poucas crianças, jovens consideradas de classe baixa, e média baixa com uma faixa de renda familiar entre R\$1.000,00 a R\$2.500,00 mensais.

As oficinas performativas, responsáveis pela produção das materialidades dessa pesquisa, aconteceram no segundo semestre de 2021, nas quais foram exploradas cinco sessões-encontros, centradas em atividades de uso do corpo/performance que estimulariam os alunos a pensarem sobre si mesmos, seus corpos e aos demais colegas que os cercam.

O intuito dos encontros, das oficinas performativas que duravam cerca de sessenta minutos cada, era a interação entre os alunos e o professor, bem como tinha por objetivo obter dados qualitativos, as materialidades para esta pesquisa de campo. Dessas oficinas, participaram trinta estudantes com faixa etária entre quinze e dezessete anos, matriculados no segundo e terceiro ano do Ensino Médio, foram apresentados num total de cinco atividades físico-esportivas e teatrais com o intuito de estimular reações e interações suficientes para serem, posteriormente, analisadas para que, possivelmente, fosse possível obter informações suficientes para alcançar uma resposta para a pergunta desta pesquisa.

Para definir o conteúdo dos encontros, foi preciso estabelecer primeiro qual é a compreensão de corpo que temos e defendemos nesta pesquisa, e trazer a partir dela a discussão sobre a importância da Educação performativa nos processos de educacionais e a centralidade desse corpo que nos move e nos interessa com

seus significados, experienciados nos corpos dos sujeitos da educação. Corroborando essa questão, segundo Arruda (2022), temos:

Corpo que se faz presença, que se constrói e reconstrói em sala de aula. Ações que são realizadas por estes corpos e que devem levar o professor a questionar sobre os que os corpos fazem em suas aulas, e até mesmo o que o seu próprio corpo faz. (ARRUDA, 2020, p. 34).

Realizar uma pesquisa sobre corpo tendo-os como início, meio e fim dos processos de aprendizagem, trabalhando com estudantes do Ensino Médio foi um grande desafio, pois foi um processo de descoberta e de grande significado para minha trajetória enquanto educador e para os próprios alunos que vieram por várias vezes ao meu encontro depois da aula, relatando que aquela aula, com aquelas oficinas performativas, havia sido uma experiência impactante na vida deles. Novamente, temos como afirmação o que nos diz Buch (2019):

Pela Educação Performativa o ato pedagógico deve ser compreendido como um ato de presença que significa. De modo que podemos potencializar as formas de comunicação e expressão. A criatividade na prática docente, mesmo imbuída de acertos e equívocos deverá abrir espaço para o imprevisto e seus riscos. É pela própria ação performativa que o professor aprimora e refina constantemente seus conhecimentos, na performatividade da sua prática junto aos alunos. (BUCH, 2019, p. 139).

Ou seja, dentro da sala de aula, em uma atividade como essas, os alunos confiam no professor e o professor confia nos alunos para que eles possam ter o melhor desempenho possível em sua jornada de autodescoberta. Assim, ressalta-se também a diferença entre uma atividade física como a de educação física e as atividades pedagógico-educativas, propostas nesta pesquisa, por meio das oficinas performativas, nas quais o intuito prevalece em despertar o debate e a autoanálise dos alunos e não um estímulo físico para se exercitar apenas.

É importante considerar que a Educação Performativa propõe uma perspectiva diferenciada em relação às atividades físicas. Embora a prática da educação física e do exercício físico possam gerar reflexão e autoconhecimento, esses aspectos são tidos como consequências secundárias e não objetivos principais. Em outras palavras, as atividades físicas não são realizadas com o

propósito específico de promover a autorreflexão ou o autoconhecimento, ao contrário do que ocorre na Educação Performativa. (SANTOS-SILVA, 2007).

Dessa forma, para esta pesquisa, foram implantadas atividades do cotidiano de qualquer adolescente ou estudante que, de forma sutil, pudessem demonstrar, de forma mais profunda, os impactos dessas atividades no modo como os adolescentes, jovens, veem e compreendem a si mesmos, seus corpos, e as potencialidades dos seus corpos como linguagem de comunicação, resistência para o mundo.

Utilizando-se da metodologia de estudo de caso (GIL, 2008) em uma pesquisa qualitativa (MÜLLER, 2013), na qual foi adotada a Educação Performativa como teoria-metodológica deste estudo. Dessa forma, foram elaboradas as oficinas de teatro para realizar a expressão corpórea dos alunos. O objetivo não era apenas explorar o tema, mas também estimular a autorreflexão e o autoconhecimento dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e para uma educação mais integral.

3.2 OS ENCONTROS DE SI MESMO

Jamais saberemos o que podemos esperar do encontro de uma ou mais pessoas adultas, imagine de uma turma inteira de adolescentes. O que se segue é o relato documentado e resumido dos quatro encontros ou sessões que denominei "Encontros de si mesmo".

Optou-se por esse nome pela proposta pedagógica adotada nas atividades. Nesses encontros, os alunos foram estimulados a refletir sobre si mesmos e sobre seus colegas por meio de atividades que os desafiavam a se expressarem e a se relacionarem de maneira mais consciente e autônoma. Essa proposta pedagógica é fundamentada na ideia de que o processo educativo deve levar em consideração o desenvolvimento integral do aluno, incluindo aspectos cognitivos, afetivos e sociais. Nesse sentido, os "Encontros de si mesmo" representam uma abordagem pedagógica que valoriza a construção do conhecimento a partir das experiências vividas pelos alunos e que busca promover o desenvolvimento de habilidades socioemocionais fundamentais para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Durante o levantamento de dados qualitativos realizado nos "Encontros de si mesmo", ficou claro que os alunos aprenderam muito sobre si mesmos e seus

colegas ao serem questionados e estimulados em atividades dinâmicas. Ao pararem para analisar, os alunos descobriram mais sobre si mesmos do que sobre seus colegas, como demonstrado em outras pesquisas (PINNA, 2013; ANDRÉ, 2017)

3.2.1 Primeiro Encontro

O primeiro encontro da oficina aconteceu com uma breve apresentação do pesquisador e de cada um dos estudantes para que eles pusessem se enturmar. Foi narrado um pouco da trajetória contada na introdução desta pesquisa e os alunos pareceram bem interessados, mas o verdadeiro interesse veio quando foi pedido para eles afastarem todas as carteiras da sala de aula e fazerem um círculo com as carteiras.

O simples ato de mudar o cenário onde se encontravam já foi o suficiente para estimulá-los, pois, ao que pareceu, houve uma quebra nos padrões de sempre e isso já os cativou profundamente nas aulas que sucederam esta.

Em seguida realizamos uma roda de conversa com a seguinte pergunta disparadora: *O que pode o corpo na escola?*

A princípio eles não entenderam a pergunta. Começou um debate acerca do que era poder e o que era corpo, falaram sobre as normas e condutas da escola, da sociedade e até mesmo dos próprios pais. Em vinte minutos de conversa e com apenas esta pergunta, os alunos começaram um profundo passeio pela vida que os cercava e a construção imagética que eles tinham feito sobre si mesmos e sobre os outros colegas.

Nos últimos vinte minutos de atividade, foi solicitado que, por meio de um registro escrito, os estudantes relatassem suas primeiras impressões acerca do seu corpo e sua relação na escola. O resultado desta atividade pode ser visto no Anexo II.

FIGURA 7 – Escrita performativa



FONTE: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

3.2.2 Segundo encontro

No segundo encontro, a proposta foi explorar um espaço aberto do colégio, por meio da brincadeira tradicional denominada de “Pular Elástico”. Esta brincadeira consiste em amarrar um elástico nas pontas e fazer um círculo para que duas pessoas, uma em cada ponto desse círculo, possam segurar o elástico com os

calcanhares. Assim as pessoas podem pular sobre o elástico, ao longo da atividade, a dificuldade passa a ser aumentada pela altura do elástico.

De início, quando o pesquisador realizou a proposta, alguns estudantes ficaram inseguros, outros riram, alguns até demonstraram vergonha, mas aos poucos a brincadeira foi se desenvolvendo e a energia foi contagiante: pulos, risos, desafios de altura e movimentos foram algumas dentre as inúmeras reações que o momento proporcionou, quando, de repente, ao sinal estridente, o intervalo iniciou, a atividade continuou e, aos poucos, foram chegando vários estudantes de outras turmas que entram na brincadeira.

Sem perceberem, os alunos foram introduzidos em um meio social estranho no qual, por meio dessa atividade, foram criados vínculos e formas de se expressarem e conversarem entre si. Ou seja, mesmo em algo simples como “Pular Elástico”, pode-se ver a importância do desenvolvimento do corpo e da sua linguagem convidativa para que outras pessoas participassem da atividade e, indiretamente, do círculo de amizade daqueles alunos.

FIGURA 8 - Pulando elástico com a turma



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

FIGURA 9 – Pulando elástico coletivamente



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

3.2.3 Terceiro encontro

No terceiro encontro, foram realizadas duas Brincadeiras Coletivas, entre elas a “Dança das cadeiras invertida” e a “Casa, Inquilino, Terremoto”, na brincadeira dança da cadeira invertida, os estudantes foram incentivados a desconstruírem a brincadeira que tradicionalmente retira uma cadeira e um participante é obrigatoriamente excluído do processo, nesta versão, a cadeira era retirada, mas o participante permanecia, e deveria se ajustar ao espaço, não podendo ficar com os pés no chão.

A brincadeira “Casa, Inquilino, Terremoto”, segundo Netzlaff (2009):

Formar trios, mais 1 ou 2 pessoas que devem ficar de fora dos trios; O animador pede que sejam formados trios, sendo que em cada trio ficam duas pessoas uma de frente para outra de mãos dadas e uma terceira pessoa no meio das duas. Após formados todos os trios, terá que sobrar uma ou duas pessoas. O animador vai descrevendo os papéis de cada um. Aqueles que estão no trio, no meio das duas pessoas serão os MORADORES, os que estão de mãos dadas serão as CASAS e aquele que sobrou deverá, após o comando, fazer parte de uma CASA ou ser um MORADOR. Os comandos: 1º) Quando o animador falar MORADOR, os MORADORES de cada trio deverão sair de suas CASAS e procurar outra CASA, aquele que estava de fora vai aproveitar para procurar uma nova CASA. 2º) Quando o animador falar CASA, as CASAS deverão deixar seus MORADORES e procurar outro MORADOR, mas só pode sobrar uma pessoa, se sobrar duas pessoas os integrantes da CASA poderão virar um MORADOR. 3º) Quando o animador falar TERREMOTO aí vai ser uma

bagunça geral, tanto os MORADORES quanto as CASAS deverão se desmanchar por completo e formar novas CASAS e novos MORADORES. (NETZLAFF, 20009, s/p).

O intuito dessas atividades foi estimular a interação interpessoal dos alunos, não apenas aquelas formadas naturalmente no dia a dia ao longo do ano letivo, mas sim ampliar essas relações ao demonstrar que eles estão se fechando de alguma forma.

Após a atividade foi feito um debate e muitos alunos apontaram que realmente não conhecem os colegas de sala e não sabem até que ponto podem contar com eles, podem se ajudar ou até se conseguem realizar esse tipo de atividade que necessita uma proximidade maior. Ou seja, seus corpos, ao estabelecerem limites entre as outras pessoas, limitam as suas relações interpessoais e acabam excluindo, naturalmente, pessoas que podem ofendê-las ou que não se identifiquem corporalmente uns com os outros. Seja tanto por serem masculinas ou femininas ou por terem alguma particularidade que os define ou aparenta defini-los.

FIGURA 10 – Desconstruindo o tradicional



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

FIGURA 11 – Casa, inquilino e terremoto



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

3.2.4 Quarto encontro

No quarto encontro, os estudantes foram provocados e instigados, por meio do uso do corpo, a produzirem um vídeo com um tema de algo que os incomodava dentro do ambiente escolar ou em sua vida cotidiana. Como resultado, foram produzidos dois vídeos aqui com temática de violência dentro do ambiente escolar.

Contudo, não foi fácil chegar a essa temática, houve, por volta de vinte minutos de conversação e emoção. Algumas alunas se entristeceram com o tema e disseram já terem experimentado coisas ruins. Outros nem sabiam que isso acontecia, de certa forma, não conseguiram imaginar.

Um dos pontos altos do debate foi que parte do *bullying* era provocado pelo corpo e, nesse aspecto, o corpo também poderia ser uma via de expressão negativa para as pessoas, seja por doenças naturais ou por acontecimentos artificiais do dia a dia que mudam drasticamente.

O aproveitamento desta atividade foi o de ter demonstrado a falta de interesse de alguns alunos em atuar e outros que se prontificaram prontamente. Foi o de ter constatado que as pessoas que têm padrões corpóreos mais aceitos ou

mais abertos sofrem menos preconceitos ou outros tipos de abusos psicológicos, direta ou indiretamente, preferindo se isolar dos demais para não passar por esse tipo de situação.

Quem atuou no vídeo se sentiu mal e bem, ao mesmo tempo, pois, conforme eles relataram, era interessante atuar e fazer algo diferente de “quem eles eram” e, ao mesmo tempo, era “horrível” se colocar no lugar de outras pessoas que eles nem sabiam que poderiam passar por algo assim ou não tinham como saber como elas se sentiam.

FIGURA 12 – Vídeos violência



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

3.2.5 Quinto encontro

Como atividade para encerrar as atividades e descontrair um pouco pelo tema pesado do último encontro, incentivou-se a criação de uma dança para o Tik Tok na qual os alunos decidiram absolutamente tudo sobre o vídeo e como eles iriam fazer.

Embora o vídeo seja curtíssimo, houve muito debate e preparação por parte dos alunos, eles acabaram gravando algumas versões que foram sendo vivenciadas e realizadas de forma aleatória e espontânea.

FIGURA 13 – Vídeo: TikTok



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

O resultado foi uma fileira de alunos dançando e fazendo caretas, demonstrando que eles estavam muito mais abertos e receptivos uns aos outros do que estavam quando começaram as atividades propostas dentro de sala de aula.

3.3 ANÁLISE

Ao deparar-me com o processo de aplicação das oficinas performativas, a cada novo encontro que ia transcorrendo, meus pensamentos e emoções rondavam meu interior e pulsavam meus instintos, afinal o corpo nunca é e nunca será somente um corpo. Ele é, sem dúvida, uma multiplicidade de sentidos e significações. Como apontado por Buch:

Trazendo para a compreensão que o corpo é mais que biológico, mas que materializa emoções, e por ele, se aprende e apreende conhecimento. A sensibilidade de olhar para os corpos dos alunos, trazer estes para momentos de reflexão, participação, interação, pela expressão corporal e oral, na inserção de atividades sensório-cinéticas, podendo diminuir entraves no ensino-aprendizagem. Como corroborar para a formação de uma sociedade mais humana. (BUCH, 2019, p. 139).

O Corpo, nessas oficinas, ganhou protagonismo e sentido, de modo que os movimentos eram realizados por instintos e não apenas por forças mecânicas lógicas. A mesma conclusão à que Spolin chegou em sua pesquisa:

O corpo deve ser um veículo de expressão e precisa ser desenvolvido para tornar-se um instrumento sensível, capaz de perceber, estabelecer contato e comunicar. [...] Eles descobriram que para surgir graça natural, em oposição ao movimento artificial, é necessário a liberação do corpo, não o controle. (SPOLIN, 2010, p. 131).

Ao deparamos com a criação de dois vídeos com temática de violência, fica explícito que esse assunto permeia os estudantes, visto que muito do que passam, embora não seja idêntico, ecoa de alguma forma. Ou seja, o entorno social afeta o entorno pessoal dos alunos, mas, dentro do contexto da atuação, acontece outro ato de eventos apontados por Ligério (2012):

A performance se origina da necessidade de fazer que as coisas aconteçam e entretendam; obter resultados e brincar; mostrar o modo como são as coisas e passar o tempo; transformar-se em um outro e ter prazer em ser você mesmo; desaparecer e se mostrar; incorporar um outro transcendente e ser “apenas eu” aqui e agora; estar em transe e no controle; focar no próprio grupo e transmitir ao maior número de pessoas possível; jogar para satisfazer uma necessidade pessoal, social ou religiosa [...] (LIGÉRO, 2012, p. 83)

Isso significa que, os alunos, ao atuarem, abrem um pouco mão da sua realidade e identidade para conhecerem as outras pessoas, principalmente o agressor e aquele que é agredido, assim, ao experimentarem com seus corpos, como Gonçalves aponta que:

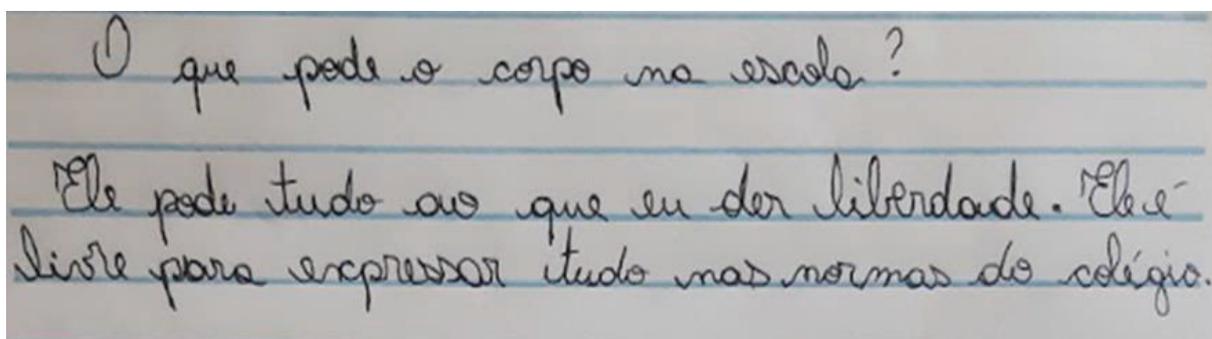
[...] mais do que fixar papéis ou mostrar como eles devem ser desempenhados, provocar uma crise de representação do inteligível e

mudar perspectivas que já não se justificam mais na descrição e adequação objetiva entre palavra e realidade; a performance demanda o imaginário, a subjetividade e, por sua vez, a presença. (GONÇALVES, 2016, p. 72).

Por fim, as práticas corporais vivenciadas durante todo o processo de pesquisa geraram um processo de confiança entre pesquisador e estudantes, no qual foi possível ampliar experiências e sentidos, por meio do corpo, dentro da escola.

A seguir, apresento ao leitor algumas materialidades discursivas produzidas pelos estudantes ao longo das oficinas performativas.

FIGURA 14 – Sobre o corpo



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

Observando a resposta da imagem de caderno na Figura 13, podemos perceber, no primeiro trecho da resposta: *“Ele pode tudo ao que eu der liberdade.”* que o aluno compreende seu corpo com liberdade por ser seu, apenas por isso, mas não observa na sua reflexão a estrutura da sociedade, já na segunda parte da resposta: *“Ele é livre para expressar tudo nas normas do colégio”*, ele percebe um poder que retira dessa liberdade que disse que é até onde ele der, pois, ao se expressar, ele só é livre até o ponto das normas do colégio, isso quer dizer, que o limite de sua liberdade está atrelada às regras do poder imposto pelo colégio no qual estuda. O que também, pode ser a sua percepção dos poderes externos ao seu corpo.

Corroborando essa discussão, Judith Butler (2019), diz-nos que o corpo de uma criança está subordinado a um poder, regido por ordens e leis que se estabelecem em meio a uma sociedade patriarcal.

FIGURA 15 – O corpo

O corpo na escola sente as sensações, em momentos, ele brinca, se diverte. O meu corpo não consegue se manter estático por muito tempo, a todo momento quero sair do solo de aula justamente por ~~toda~~ toda essa pressão que ocorre lá dentro, me sinto abobada e por vezes ansiosa.

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

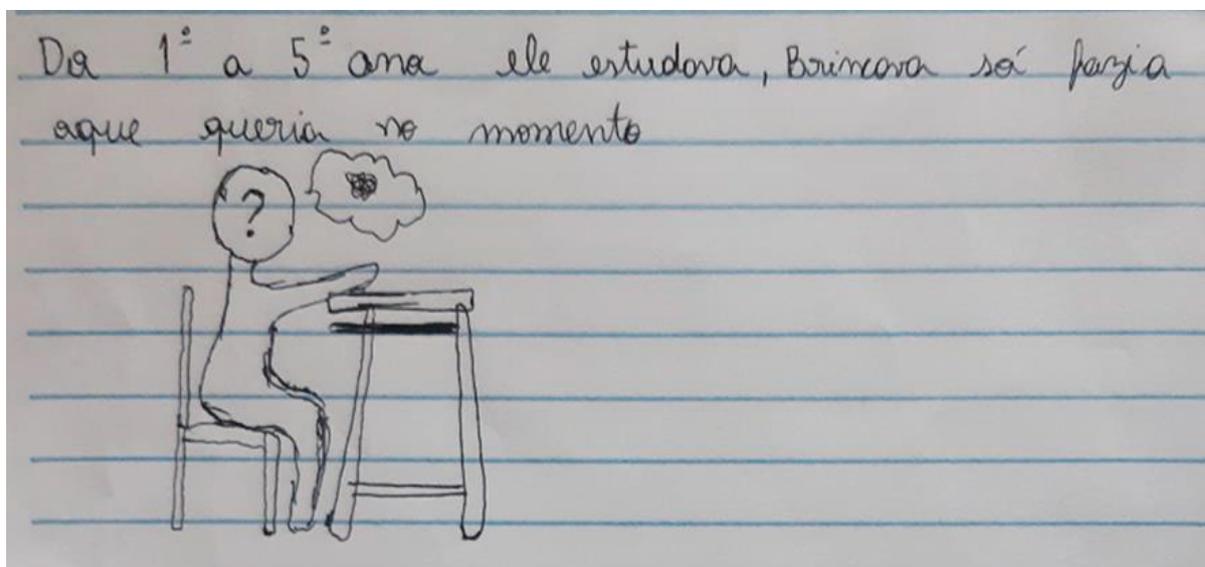
Exatamente o que encontramos na segunda parte do enunciado desse estudante: “O meu corpo não consegue se manter estático por muito tempo, a todo momento quero sair da sala de aula justamente por toda essa pressão que ocorre lá dentro, me sinto abobada e por vezes ansiosa”. A pressão social continua aparecendo novamente e este aluno do enunciado da Figura 15 percebe e descreve a pressão pela qual sofre, sendo obrigado a se manter sentado sem poder se mexer, sentindo as sensações...faço uma pausa e me indago: que sensações são essas que ele quer nos dizer?

Trazendo para a compreensão que o corpo é mais que biológico, mas que materializa emoções, e por ele, se aprende e apreende conhecimento. A sensibilidade de olhar para os corpos dos alunos, trazer estes para momentos de reflexão, participação, interação, pela expressão corporal e oral, na inserção de atividades sensório-cinéticas, podendo diminuir entraves no ensino-aprendizagem. Como corroborar para a formação de uma sociedade mais humana. (BUCH, 2019, p. 139).

O local de sala de aula não pode se tornar um poder que se estabelece e faz o aluno se sentir em uma “prisão”, que foi o que descreveu em algumas semelhanças o discurso da Figura 14, que não se sente confortável com a estrutura do momento de reflexão, pois para ele é um espaço no qual seu corpo biológico está preso, o que para ele é mais chamativo do que as viagens que poderá concretizar-se de maneira reflexiva. A ideia aqui é pensar como seria melhor um espaço de aprendizagem mais humano para este aluno? Que o deixe mais confortável com o que ocorre em sua volta durante seu momento de reflexão dentro da sala de aula,

tivemos exemplos de relatos dessa liberdade ao longo das oficinas performativas, nas quais o Corpo ganhava ânimos e sentidos, significados e sensação

FIGURA 16 – Do 1º ao 5º ano



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

É interessante o contraste entre a Figura 15 e a Figura 16, pois podemos ver que o aluno percebe a mudança gerada entre os anos se passando dentro da escola e para ele, estar ao ar livre, sentir a natureza, aprender brincando, era um momento muito mais proveitoso.

O corpo deve ser um veículo de expressão e precisa ser desenvolvido para tornar-se um instrumento sensível, capaz de perceber, estabelecer contato e comunicar. [...] Eles descobriram que para surgir graça natural, em oposição ao movimento artificial, é necessário a liberação do corpo, não o controle. (SPOLIN, 2010, p. 131).

Em um espaço no qual o aluno se sente mais confortável com seu próprio corpo, que como pudemos ver é o espaço aberto e com “brincadeiras”, talvez seja importante que a educação performativa perceba este movimento e entenda que é melhor que os alunos estejam em um ambiente mais confortável para que possam sentir tudo que está a sua volta para ao mesmo tempo refletir de forma clara e muito mais proveitosa.

FIGURA 17 – Brincar

Do primeiro ao quinto ano que queria saber
de brincar e poder de não sem fazer nada
de me divertindo, do quinto ano agora foi
começou a ter uma responsabilidade
uma cobrança mas mesmo assim brincar
nos últimos 3 anos que o filho está
onde vê que não para apenas brincar
também que levar o resto.

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

“Só queria saber de brincar”, é interessante como o poder imposto pela escola que a Figura 13 nos possibilitou entender está atrelado e sempre acompanhado do crescer da criança, pois esta começa dentro da própria escola a sentir a força do poder das estruturas sociais da sociedade em que vive dentro de um espaço que deveria possibilitar a sua ruptura, como vimos anteriormente.

A performance se origina da necessidade de fazer que as coisas aconteçam e entretendam; obter resultados e brincar; mostrar o modo como são as coisas e passar o tempo; transformar-se em um outro e ter prazer em ser você mesmo; desaparecer e se mostrar; incorporar um outro transcendente e ser “apenas eu” aqui e agora; estar em transe e no controle; focar no próprio grupo e transmitir ao maior número de pessoas possível; jogar para satisfazer uma necessidade pessoal, social ou religiosa [...]. (LIGIÉRO, 2012, p. 83).

A proposta, pensando na fala que vimos nas Figuras 14, 15, 16 e 17 até então, seria pensar em um ambiente de ensino que possibilite o aluno a mudar a sua percepção de que crescer é o mesmo que deixar de se divertir, até porque o adulto pode se divertir.

Durante o trabalho eles puderam experimentar com seus corpos, Gonçalves aponta que:

[...] mais do que fixar papéis ou mostrar como eles devem ser desempenhados, provocar uma crise de representação do inteligível e

mudar perspectivas que já não se justificam mais na descrição e adequação objetiva entre palavra e realidade; a performance demanda o imaginário, a subjetividade e, por sua vez, a presença. (GONÇALVES, 2016, p. 72).

As práticas de ensino foram necessárias para alcançar os objetivos que estivemos propondo anteriormente, para que eles pudessem ter novas perspectivas de espaço e uso do corpo para o aprendizado, para que o espaço social escolar possa ser exemplo para mudar esta lógica, o que demanda aos professores um imaginário muito distinto do que estão acostumados, mas, como pudemos perceber, essas mudanças foram aceitas pelos alunos.

Por fim, ao testarmos as práticas corporais vivenciadas durante todo o processo de pesquisa, percebemos que foi gerado um processo de confiança entre pesquisador e estudantes, no qual foi possível ampliar experiências e sentidos, por meio do corpo, dentro da escola.

FIGURA 18 - Equipes em ação



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

METAMORFOSE AMBULANTE

*Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Eu quero dizer
Agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou*

*Se hoje eu sou estrela, amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio, amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor, lhe tenho horror
Lhe faço amor, eu sou um ator*

*É chato chegar
A um objetivo num instante
Eu quero viver
Nessa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou*

*Se hoje eu sou estrela, amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio, amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor, lhe tenho horror
Lhe faço amor, eu sou um ator*

*Eu vou desdizer
Aquilo tudo que eu lhe disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha, velha, velha, velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

(SEIXAS, 1973)

Assim como na música "Metamorfose Ambulante" do Raul Seixas, em que ele fala sobre sua constante transformação e mudança, podemos observar que muitas coisas estão sendo modificadas no mundo ao longo do tempo: as comunicações, as cidades, os meios de produção, a comercialização, o modo de governar e até instituições como a família e a religião, mas a escola, muitas vezes, parece estagnada e pouco adaptada às mudanças do mundo contemporâneo. Nas salas de aula, os alunos ficam uns atrás dos outros em filas indianas, olhando, ou a nuca dos companheiros da frente ou a professora/professor e o quadro de giz. O aluno que olha a nuca do companheiro, muitas vezes está apático, distante, desmotivado, quando se rebela, é tachado de indisciplinado. Afinal, o que pode o corpo na escola?

Talvez esteja nisso um dos maiores desafios a ser superado pelos agentes da educação: a presença do corpo como meio de aprendizagem, intervenção, autonomia e superação diante as urgentes demandas de um pensar Educação por vias de um olhar contemporâneo. O trajeto desse pensar é conduzido por uma Educação Performativa capaz de dar luz à corporeidade como ferramenta encarnada na resistência ao apagamento das identidades, das minimizações das diferenças, das previsibilidades dos convívios. (GONÇALVES; GABARDO, 2020, p. 106).

Diante dos pontos apresentados, verifica-se que cabe ao docente buscar alternativas "fora da caixinha" como possibilidade dentro do ambiente escolar.

A performance abre o espaço para a indeterminação, para o indizível, preza pelo imaginado em detrimento do entendido, ela justapõe o incongruente, busca, com isso, promover novas significações, novos esquemas, novas configurações de ser, novas formas de expressão e contraexpressão. Nela embute-se um anacoluto no corpo – fendas, brechas interpretativas, formas de compreender o mundo, o outro, que não se esgotam pelo rigor do discurso lógico, racional, mas que antes evoca o corpo, as vísceras, a memória para uma real aproximação com esses. (PEREIRA, 2013, p. 307).

Estar aberto à curiosidade, ao novo, às indagações e aos questionamentos, dos estudantes possibilita um ensino menos aprisionado e uma realidade limitada, menos limitada, em que essas aulas sejam interessantes, produtivas e que os alunos vivenciem por meio de seus corpos.

Pensar o corpo e seus valores sociais significa reconhecer seu valor expressivo, criando estratégias metodológicas capazes de dar voz aos corpos desses alunos, abrindo espaços para coletivos que se performam

em seus papéis sociais, de modo consciente em relação à sua realidade, e que se tornam capazes de atuar sobre ela de maneira ativa. (GONÇALVES; CASTILHO; GABARDO JUNIOR, 2019, p. 139).

Em suma, destaco que a Educação Performativa surge como potência e pode se tornar um viés alternativo na escola/educação. O resultado inconclusivo aponta para a necessidade de aprofundar e popularizar pesquisas que, ao aproximar performance, educação e escola, ainda se mostram um campo a ser conhecido, explorado e aberto à problematização.

A presente pesquisa vinculada ao grupo Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades (Labelit/UFPR/CNPq) – tem o foco de pesquisa e interfaces nos estudos da Performance na Educação, e como objetivo apresentar contribuições e perspectivas ao que temos dito sobre Educação performativa, uma nova abordagem de estudos, cuja centralidade de interesse é dar visibilidade ao corpo dos estudantes nos processos de uma educação menos tradicional.

Para tanto, o estudo proposto, organizou-se em torno da pergunta de pesquisa: Quais Concepções de corpo podem ser percebidas em jovens que frequentam o Ensino Médio em um Colégio Estadual Cívico Militar no Município de São José dos Pinhais?

A fim de responder a essa questão, o texto apoiou-se em pesquisas já realizadas na perspectiva da Educação Performativa, dialogando com autores contemporâneos como Paulo Freire, Elyse Pineau, Richard Schechner e algumas legislações vigentes da educação como a LBD/9394/96, BNCC/2019 e o Currículo da Rede Estadual Paranaense (Crep).

Como percurso metodológico, foram realizadas algumas oficinas aqui denominadas de *práticas performativas*, nas quais pesquisador e estudantes construíram e experimentaram juntos algumas possibilidades e experiências que contaram com a sucessão de encontros formativos ocorridos no segundo semestre de 2021, com o objetivo de dar visibilidade e protagonismo ao corpo dos estudantes no ambiente escolar.

Os resultados para esse momento do texto apontam para a necessidade de aprofundar e popularizar pesquisas que, ao aproximar performance e educação, ainda se mostram um campo a ser conhecido e aberto à problematização, reflexão e

experimentação, saindo de uma educação convencional, para uma educação performativa, transgressora, violadora e desafiadora.

Assim, ao longo de todo o trabalho foi possível constatar a importância do significado do corpo para a sociedade e para os jovens alunos que estão descobrindo o seu lugar nela e como suas vidas podem ser influenciadas pela descoberta de seus próprios corpos e suas funções. Mais do que meramente um invólucro para o espírito ou para atender as necessidades fisiológicas, o corpo é um meio de comunicação para interagir com o mundo ao redor e com outras pessoas.

Estar aberto à curiosidade, ao novo, às indagações, aos questionamentos dos estudantes possibilita um ensino menos aprisionado e uma realidade limitada, menos limitada, em que essas aulas sejam interessantes, produtivas e onde os alunos vivenciem por meio de seus corpos. Em suma, destaco que a Educação Performativa surge como potência e podendo tornar-se um viés alternativo na escola/educação.

O resultado inconclusivo aponta para a necessidade de aprofundar e popularizar pesquisas que, ao aproximar performance, educação e escola, ainda se mostram um campo a ser conhecido, explorado e aberto à problematização.

FIGURA 19 - Pesquisa sempre



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. Papyrus Editora, 2017.

ARRUDA, A. C. P. **Corpo e educação performativa: um olhar sobre a formação continuada de professores da educação infantil e anos iniciais**. Dissertação de mestrado. 2020. 113f. Programa de Mestrado Profissional em Educação: Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná. UFPR, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/67707>. Acesso em: 07 abr. 2023.

BALL, Stephen J. Performatividades e Fabricações na Economia Educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 35, n. 2, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/15865>. Acesso em: 7 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 07 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Brasília, 17 fev. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 03 mar. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Secretaria de Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 03 mar. 2023.

BUCH, Cláudia. **Performance docente no discurso de professores de geografia**. 2019. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação: Teoria e Prática de Ensino Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Curso de Mestrado Profissional em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, UFPR. 2019. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=38594&idpograma=40001016080P7&anobase=2019&idtc=52>. Acesso em: 07 abr. 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo edições, 2019.

DA MATA, Vanessa. **Nossa Geração**. Rio de Janeiro: ONErpm, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yRDdq9JPraY&ab_channel=VanessadaMata. Acesso em: 03 mar. 2023.

EGOSHI, Jéssica Seina; GASPERI, Marcelo Eduardo Rocco de. Por uma educação performativa. XI Congresso da Abrace. **Anais...** v. 21. [s/l], 2021. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/issue/view/123>. Acesso em: 06 mar. 2023.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

FRANCO, Luiz Gustavo; MUNFORD, Danusa. Reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular: um olhar da área de ciências da natureza. **Horizontes**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 158–171, 2018. DOI: 10.24933/horizontes.v36i1.582. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/582>. Acesso em: 6 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: paz e terra, 2011.

GABARDO JUNIOR, Jair Mario. **Ensino da dança e a educação performativa**: possibilidades de corpo na (re)criação do espaço escolar. 2020. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação). Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. UFPR, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/67882/R%20-%20D%20-%20JAIR%20MARIO%20GABARDO%20JUNIOR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 abr. 2023.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**: Introdução à Pedagogia do Conflito. 13ª edição, São Paulo: Cortez, 2003.

GIL, Antonio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 6. ed., São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Gilberto. **Ciência e arte**. Rio de Janeiro: Gege Produções Artísticas, 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_1fk2nFuu7Y&ab_channel=GilbertoGil-Topic. Acesso em: 03 mar. 2023.

GONÇALVES, Jean Carlos. **Corpo (s)**: linguagem, comunicação, educação. Pimenta Cultural, 2022.

GONÇALVES, Michelle Bocchi. **Performance, Discurso e Educação**: (re)construindo sentidos de escola com professores em formação na licenciatura em educação do campo – Ciências da natureza. 2016. 143f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná – Doutorado, Linha de Pesquisa: Cultura, Escola e Ensino. UFPR, 2016.

Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47434/R%20-%20T%20-%20MICHELLE%20BOCCHI%20GONCALVES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 abr. 2023.

GONÇALVES, Michelle Bocchi; CASTILHO, Thais.; GABARDO JUNIOR, Jairo M. Corpos dançantes na escola: diálogos entre a educação performativa e a perspectiva bakhtiniana. **Revista Bakhtiniana**, n. 14, p. 136-155, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/37810>. Acesso em: 05 mar. 2023.

GONÇALVES, Michelle Bocchi; GABARDO JUNIOR, Jairo M. Educação performativa: travessias. IN: (orgs) GONÇALVES, J. C.; GARANHANI, M. C.; GONÇALVES, M. B. **Linguagem, corpo e estética na educação**. São Paulo: hucitec, 2020.

GONÇALVES, Michelle Bocchi; OLIVEIRA, Odissea Boaventura de. Sentidos de escola em performance: um estudo na licenciatura em educação do campo. **Revista educação e cultura contemporânea**, v.17, n.49, p.392-411, 2020. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/5136/47966892>. Acesso em: 07 abr. 2023.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

ICLE, Gilberto. Da Performance na Educação: perspectiva para a pesquisa e a prática. In. PEREIRA, M. A. (org.) **Performance na Educação (des)territorializações pedagógicas**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2023

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

LIGIÉRO, Z. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Editora Mauad Ltda, 2012.

MATOS, Lúcia H. A. Membro da Comissão Científica, atuando como parecerista, no **XIII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - XIII ENECULT**. 2017. (Congresso).

MATOS, Lúcia Helena de Oliveira. Dança Performática e Educação Estética. In: FERREIRA, Patrícia dos Santos (Org.). **Ensino de Artes e Cultura na Educação Básica**. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 59-74.

NASCIMENTO, Milton. **Voa Bicho**. Rio de Janeiro: Sony Music, 2003. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e5AY7HYR-20&t=3s&ab_channel=MiltonNascimento-Topic. Acesso em: 02 mar. 2023.

MODESTO, Amanda Nascimento et al. **Memória e performance**: por uma educação sensível em processos de ensino/aprendizagem artes. 2020.

MÜLLER, Antonio José (org.), *et. al.*, **Metodologia científica**, Indaia: Uniasselvi, 2013.

NETZLAFF, Sara. **Dinâmica – casa, morador e terremoto**. ABC do educar, 2009. Disponível em: <http://abcdoeducar.blogspot.com/2009/12/dinamica-casa-morador-e-terremoto.html>. Acesso em: 07 abr. 2023.

PARANÁ. **Subsídios para elaboração do regimento escolar**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Coordenação de Gestão Escolar. 127 Superintendência da Educação. Coordenação de Gestão Escolar. – Curitiba: SEED – PR, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo da Rede Estadual Paranaense**. Curitiba, 2020.

PEREIRA M. de A. (ORG) **Performance e educação**: desterritorializações pedagógicas. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

PINEAU, Elyse Lamm. Nos cruzamentos entre a performance e a pedagogia: uma revisão prospectiva. **Educação e realidade**, porto alegre, v. 35, n. 02, maio/ago., 2010, p. 89-113. Disponível: <https://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/14416>. Acesso em: 29 mar. 2022.

PINEAU, Elyse Lamm. Pedagogia crítico-performativa: encarnando a política da educação libertadora. In: PEREIRA, Marcelo. **Performance e educação: desterritorializando territórios**. Santa maria: editora UFSM, 2013. P. 37-58.

PINNA, Lindnoslen Guelnete Costa. **Ludicidade dos jogos teatrais no ensino e aprendizagem de ciências**. 2013. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/15296>. Acesso em: 07 abr. 2023.

SACRISTÁN, José Gimeno. O que significa currículo? In. SACRISTÁN, José Gimeno. Org. **Saberes e incertezas sobre o currículo** [recurso eletrônico]. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 16-36.

SANTOS-SILVA, Maria Aparecida Linhares. **Sentir, criar, dançar**: o autoconhecimento como base para a dança-educação. 2007. 232f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia. UFBA, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/14689>. Acesso em: 07 abr. 2023.

SCHECHNER, R.; ICLE, G.; PEREIRA, M. A. O que pode a performance na educação? Uma entrevista com Richard Schechner. **Educação e Realidade**, Santa Maria, v. 35, n. 2, p. 23-35, 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/13502/7644>. Acesso em: 02 mar. 2022.

SEIXAS, Raul Santos. **Metamorfose Ambulante**. São Paulo: Universal Music, 1973. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CmB4sfoZkwo&ab_channel=RaulSeixas-Topic. Acesso em: 06 mar. 2023.

SILVEIRA, Ghisleine Trigo, et al. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é Base**, Ministério da Educação, 2019.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SOUZA, Cristiane Marques. **Educação Performativa no cotidiano escolar de tempo ampliado**: em cena estudantes do 4º ano – Fundamental I de Curitiba. 2021. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. UFPR, 2021. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/signa/visitante/trabalho/ConclusaoWS?idpessoal=111401&idprograma=40001016080P7&anobase=2021&idtc=92>. Acesso em: 07 abr. 2023.

TRILHA. In. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trilhar/>. Acesso em: 02 mar. 2023.

VEIGA, Ilma Passos da. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: Papyrus, 1998. p.11-35.

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino
 MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO



Termo de consentimento livre e esclarecido

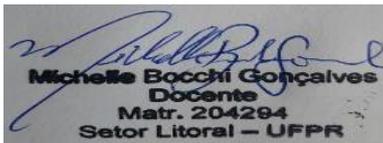
Eu, _____, CPF _____
 _____ responsável pelo estudante:

_____, autorizo o mesmo a participar da pesquisa de mestrado realizada pelo pesquisador: Mateus Martins Viudes, no sob orientação da professora Dra. Michelle Bocchi Gonçalves, no colégio Estadual Professora Shirley Catarina Tamalu Moro, no Município de São José dos Pinhais-PR. Também autorizo a utilização de textos escritos (verbais e visuais) e imagens fotográficas e vídeos que estejam relacionadas à construção do *corpus* da pesquisa, fico ciente que, por questões éticas, meu nome será preservado na divulgação dos resultados da investigação. Concordo autorizar meu dependente a participar voluntariamente desta pesquisa, sabendo que não receberei e nem pagarei nenhum valor econômico por tal participação.

São José dos Pinhais, 03 de novembro de 2021.

Assinatura do responsável:

Professora Orientadora:



Michelle Bocchi Gonçalves
 Docente
 Matr. 204294
 Setor Litoral – UFPR

Pesquisador: Mateus Martins Viudes: _____

ANEXO II - ACESSO AO DRIVE

Leitora e leitor desta dissertação, caso tenha chegado até aqui, e tenha interesse em conhecer todas as materialidades desenvolvidas nesta pesquisa, basta clicar no link disponível abaixo:

- https://drive.google.com/drive/folders/1GICUnvksv_O5iiK-h4YSM99I-iXV4EOS?usp=sharing